



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE TECNÓLOGOS  
COLÉGIO AGRÍCOLA VIDAL DE NEGREIROS  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TÉCNICA  
DE NÍVEL MÉDIO INTEGRADA AO ENSINO MÉDIO NA MODALIDADE  
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

**PERFIL DO ALUNO DA EJA / MÉDIO NA ESCOLA DR. ALFREDO  
PESSOA DE LIMA**

**MARIA APARECIDA FONTES SOARES**

BANANEIRAS – PB  
2007

**MARIA APARECIDA FONTES SOARES**

**PERFIL DO ALUNO DA EJA / MÉDIO NA ESCOLA DR. ALFREDO  
PESSOA DE LIMA**

**Monografia apresentada ao curso de Especialização em Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio na Modalidade Educação de Jovens e Adultos da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de especialista.**

**Área de Concentração: Gestão de Ensino**

**Orientador: Prof. Dr. Ricardo Moreira da Silva.**

Ficha catalográfica elaborada na Seção de Processos Técnicos da  
Biblioteca Setorial de Bananeiras.

UFPB/CFT – Bibliotecária: Merilande Rodrigues Fonseca – CRB. 4/988

S 676p Soares, Maria Aparecida Fontes

Perfil do aluno da EJA/ Médio na Escola Dr. Alfredo Pessoa  
de Lima. Maria Aparecida Fontes Soares.- Bananeiras, 2007.

56 p.: il

Orientador: Ricardo Moreira da Silva

Monografia (Pós-Graduação) – UFPB/CFT

1. Aluno - Educação de Jovens – Adultos – Perfil

UFPB/CFT/BS

C.D.V.: 371.212 (043.2):

**MARIA APARECIDA FONTES SOARES**

**PERFIL DO ALUNO DA EJA / MÉDIO NA ESCOLA DR. ALFREDO  
PESSOA DE LIMA**

**Esta monografia foi aprovada, cumprindo as formalidades para obtenção do título de Especialista em Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio na Modalidade Educação de Jovens e Adultos da Universidade Federal da Paraíba - UFPB.**

Bananeiras, março de 2007

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Ricardo Moreira da Silva.**  
**Orientador**

---

**Profa. Ms. Ana Cláudia da Silva Rodrigues.**  
**Examinadora**

---

**Profa. Dra. Stela de Lourdes R. de Mendonça.**  
**Examinadora**

*Tudo tem o seu tempo determinado,  
e há tempo para todo propósito debaixo do céu:  
Há tempo de nascer e tempo de morrer;  
Tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou;  
Tempo de matar e tempo de curar;  
Tempo de derrubar e de edificar;  
Tempo de chorar e tempo de rir;  
Tempo de prantear e tempo de saltar;  
Tempo de espalhar pedras;  
Tempo de ajuntar pedras;  
Tempo de abraçar e tempo de afastar-se de abraçar;  
Tempo de buscar e tempo de perder;  
Tempo de guardar e tempo de deixar fora;  
Tempo de rasgar e tempo de coser;  
Tempo de estar calado e tempo de falar;  
Tempo de amar e tempo de aborrecer;  
Tempo de guerra e tempo de paz.*

*(Eclesiastes, 3:1-8)*

**AGRADECIMENTOS:**

*Sobre todas as coisas, a Deus, ao filho Jesus e ao Espírito Santo, sempre presente na minha vida;*

*A minha mãe, Maria Fernandes Soares (in memórian) expresso meus agradecimentos e dedico esta conquista;*

*A minha família pelo apoio e incentivo para a conclusão deste trabalho;*

*Aos mestres, que nos incentivaram na realização deste projeto, que escutaram todas as nossas angústias, decepções e principalmente alegrias;*

*Ao orientador, professor Dr. Ricardo Moreira da Silva (UFPB campus III), por toda sua dedicação, apoio e competência na transmissão dos conhecimentos, durante todas as fases da orientação.*

***Muito obrigada***

## SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO.....	1
2 - TRANSMISSÃO DO CONHECIMENTO .....	8
2.1 Aprendizagem .....	8
2.2 Motivação.....	14
2.3 Gestão Escolar.....	20
2.4 Evasão Escolar .....	23
2.5 E JA no Brasil .....	25
3 - METODOLOGIA .....	28
3.1 Classificação da Pesquisa e Natureza da Pesquisa .....	28
3.2 Área de Atuação e Estratégia da Pesquisa .....	29
3.3 Definição dos parâmetros trabalhados .....	30
3.4 Elaboração, Análise e Interpretação dos Dados .....	31
3.5 Resultados Esperados.....	31
3.6 Limitações da Pesquisa .....	32
3.7 Estrutura desta Monografia .....	32
4 - A ESCOLA DR. ALFREDO PESSOA DE LIMA.....	33
4.1 A Escola Dr. Alfredo Pessoa de Lima.....	33
4.2 Sobre os Discentes da Escola .....	37
4.3 Perfil dos discentes.....	39
5 - CONCLUSÕES.....	49
6 - REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52
APÊNDICE.....	57

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 1:</b> Professores Fundadores.....	33
<b>QUADRO 2:</b> Estrutura Administrativa - Pedagógica .....	36

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>GRÁFICO 1:</b> Gênero dos alunos entrevistados.....	39
<b>GRÁFICO 2:</b> Faixa-etária dos alunos entrevistados .....	40
<b>GRÁFICO 3:</b> Estado Civil.....	40
<b>GRÁFICO 4:</b> Quantidade de filhos .....	41
<b>GRÁFICO 5:</b> Interrupção dos estudos.....	42
<b>GRÁFICO 6:</b> Aspirações acadêmicas .....	43
<b>GRÁFICO 7:</b> Aprendizagem .....	44
<b>GRÁFICO 8:</b> Motivo do Discente estudar a noite.....	45
<b>GRÁFICO 9:</b> Percepção sobre o professor.....	46
<b>GRÁFICO 10:</b> Motivação.....	46
<b>GRÁFICO 11:</b> Incentivos dos pais .....	47
<b>GRÁFICO 12:</b> Satisfação com a Gestão .....	48

## LISTA DE DIAGRAMA

<b>DIAGRAMA 1:</b> Estratégia do trabalho.....	30
--	----



## **Lista de Siglas**

**CEPES** – Centro Paraibano de Educação Solidária.

**EJA** – Educação de Jovens e Adultos.

**FECAPEL** – Feira de Ciências do Colégio Alfredo Pessoa de Lima.

**Fundef** – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental.

**LDB** – Lei de Diretrizes e Bases.

**INEP** – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa.

**MEC** – Ministério da Educação e Cultura.

**Saeb** – Sistema de Avaliação da Educação Básica.

**ONG** – Organização não Governamental.

## RESUMO

SOARES, Maria Aparecida Fontes. **Perfil do Aluno da EJA / Médio na Escola Dr. Alfredo Pessoa de Lima**. 2007. Monografia (Especialização em Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio na Modalidade Educação de Jovens e Adultos. UFPB. Bananeiras).

A presente monografia traz um estudo sobre o perfil dos discentes na escola Estadual Dr. “Alfredo Pessoa de Lima, de modo que pretendo discutir a realidade em que os mesmos estão inseridos no âmbito da educação que em geral nos propõe desafios e problemas a serem enfrentados. O aluno em qualquer modalidade de ensino, nem sempre vai à escola somente para cumprir uma obrigação ou a procura de um diploma. A ansiedade de alunos e professores que trabalham na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), proporcionou subsídios para uma reflexão maior e impulsionou-me para uma atividade de busca através da pesquisa e leitura de alguns teóricos que pudessem ajudar-me a entender a realidade que cerceia os discentes nesta modalidade de ensino e conhecer a trajetória escolar desses jovens. Neste sentido buscando ampliar os horizontes de nossa análise.”. Foi um estudo de caso, dentro de uma concepção qualitativa usado o método de procedimento, na medida em que retrata o perfil dos discentes da citada escola. Para coleta de dados foi usado um questionário sendo composto de perguntas abertas e fechadas, para os alunos a partir de 18 anos de idade. Os professores da EJA se deparam diariamente com jovens que possuem um histórico de repetência, de abandono da escola, desmotivados com a instituição e com eles próprios. Fatores que podem constituir num entrave para um possível sucesso escolar.

**Palavras Chave:** EJA; Perfil Discente; Gestão Escolar.

## ABSTRACT

SOARES, Maria Aparecida Fontes. **The Student's Profile from EJA/Médio in the Dr. Alfredo Pessoa de Lima School.** Monograph (Specialization in Professional Technique Education of Medium Level Integrated to the Medium Teaching in the Modality Education of Young and Adults. UFPB. Bananeiras).

This work brings a study about the student's profile from Escola Estadual Dr. "Alfredo Pessoa de Lima". We pretended to discuss the student's reality where they are inserted in, which generally gives us challenge and problems to be faced. The students at any teaching modality don't always go to the school only to execute an obligation or to get a diploma. The apprehension of students and teachers that work with education of young and adults (PROEJA), gave us some help to a larger reflexion and stimulated me to an activity of searching through an investigation and reading of some theoretical people that could help me to understand the reality that involves the students in this teaching modality and to know the student's school way. In this sense, we wanted to amplify the horizons of our analyses. It was a case study, inside of a qualitative conception used the procedure method, when it portrays the profile of the students from the mentioned school. For collection of data a questionnaire was used being composed of open and closed questions, for the students with 18 years old or more. The teachers from EJA daily faced himself with young people that have a description of school repeating, dropping out of school, nom motivation with the institution they are in and with themselves. These factors can be obstacles to a possible school success.

**Key Words:** Young and Adults Education, Student Profile, School Administration.

# 1 - INTRODUÇÃO

*A educação é essencial e é insubstituível. Dentre todas as práticas culturais da vida humana e da experiência de sociedades como a nossa, dificilmente alguma outra será tão insubstituível quanto a educação. (BRANDÃO, 2002, p. 187).*

Os problemas existentes em uma escola são na maioria atribuídos a um agravamento das desigualdades e da exclusão. O insucesso atinge todas as categorias sociais, embora os jovens oriundos de meio desfavorecidos lhe sofram as conseqüências de uma maneira especial. São múltiplas as suas formas sucessivas repetências, abandono durante os estudos, escolhas de cursos que não oferecem reais perspectivas e no fim das contas, abandono da escola sem qualificação nem competência reconhecidas. O insucesso escolar constitui, em qualquer dos casos, uma pecha profundamente inquietante no plano moral humano e social, é muitas vezes gerador de situações de exclusão que marcam os jovens para toda a vida.

Alguns paradigmas quando estudados, analisados e expostos mostram o retrato da “saúde” da escola, tais como:

- Aprendizagem
- Motivação
- Forma de gestão
- Evasão escolar
- EJA no Brasil

No caso dos alunos de idade superior, normalmente a realidade acrescenta que muitos dos alunos que freqüentam esta escola são trabalhadores (as), casados (as), com filhos. Sendo preciso que haja sensibilidades e coerência diante de tais situações. O profissional sabe que não estará cumprindo apenas o papel de educador. Mas que é preciso ter flexibilidade, tolerância e firmeza. Para poder receber seus alunos diante de qualquer situação.

Por vezes essa questão também revela a desigualdade, a carência dos discentes que são constituídos através de uma organização de conhecimento e habilidades diferentes.

Esses parâmetros geram alunos desmotivados, carentes, com dificuldade na aprendizagem. Sendo, de um modo geral, este o perfil que se enquadra aos alunos de uma escola pública. Perante esta situação é preciso criar outras possibilidades de ensino com conteúdos e métodos mais elaborados para dar respostas às diferenças individuais e sociais. Os professores deveriam ser preparados para se adaptar às necessidades dos seus alunos, mas a grande questão é: Se as necessidades começam pelos próprios professores? Esta é uma visão geral da educação pública brasileira, “professores e alunos carentes, sendo que um não poderia dar suporte a outro”.

Segundo Ioschpe (2005), um dos grandes problemas da educação brasileira é justamente a falta de incentivos a um ensino de qualidade. No momento em que a educação brasileira popularizou-se nas últimas décadas ocorreu aqui com particular ferocidade, um movimento que acontece em todo o mundo: quando os pobres chegam a um espaço, os ricos fogem dele, procurando escolas privadas. A elite brasileira só convive com a educação pública para seus filhos no nível universitário.

Temos financiamento através do Fundef para manter quase todas as crianças no ensino fundamental, com programas de transportes, merenda, livro didático. Por que então não conseguimos mudar essa situação acachapante? Agora que temos quase todas as crianças no ensino fundamental, financiamento através do Fundef, em parte porque a sociedade brasileira não se importa? Não se importa porque os pais de alunos de classe média e alta matriculam seus filhos em escolas particulares. Os oriundos de famílias pobres em geral não tem bagagem educacional suficiente para avaliar o que seja uma educação de qualidade.

Segundo Queluz e Alonso (2003), fatores como esse associado a outros de ordem política, que não favorecem em absoluto e, muitas vezes, inviabilizam qualquer proposta de mudanças e tornam a questão mais séria a ponto de se falar em “crise do ensino” e até mesmo em “crise da educação brasileira”.

Entendemos que a crise é visível não apenas nos resultados anunciados, mas também e sobre tudo na rotina escolar, nas precárias condições de funcionamento das escolas, nos baixos salários dos professores, no desinteresse geral apresentado por alunos, professores e demais participantes do processo educativo.

O estabelecimento educacional também não está lá muito preocupado. A maioria dos diretores de nossas escolas é fruto de nomeações políticas. Quando eles têm competência para gerar uma melhora no ensino, não tem disposição para enfrentar uma luta árdua. Os professores não carecem apenas de motivação, mas essencialmente de preparo: sua formação é academicista e teórica e as preocupações “rasteiras”, com coisas como 100% de alfabetização na 1ª série são substituídas por movimentos políticos ou tertúlias pedagógicas. Nessas perspectivas, Ioschpe (2005), afirma:

As lideranças políticas tampouco se preocuparam. Sua moeda é voto. E o que dá voto não é o ensino de qualidade, até porque a maioria dos eleitores nem consegue julgar o que isso seria, mas simplesmente a construção das escolas o oferecimento de merenda (IOSCHPE, 2005, p. 54).

Os educadores de uma forma geral precisam entender que a escola é o lugar onde a educação acontece e que ela deve ter autonomia para desempenhar de maneira satisfatória o seu trabalho perante a sociedade, e assim, dará um salto de qualidade no ensino brasileiro.

Existe um grande contingente de educadores que entende que o maior problema da escola pública, especificamente, não reside no seu abandono na sua qualidade e nem na sua, superlotação, mas na sua colocação não no centro do sistema educacional e sim na periferia do mesmo.

A sala de aula está cada vez mais sem atrativos e os alunos cada vez mais desinteressados de seu modelo clássico baseado na transmissão de “conhecimentos” para memorização e reprodução. As últimas conclusões do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), do Ministério da Educação, confirmam esse grave problema, que certamente não se restringe ao ensino básico. Sabemos que a Pedagogia da transmissão prevalece também na universidade e nos cursos à distância. O próprio Ministério da Educação reconheceu o descompasso entre o modelo tradicional de escolas no cotidiano dos alunos.

O MEC destacou pelo menos duas explicações para esse crescente desinteresse:

- O professor repete conceitos e não sabe interagir com os alunos. Além disso, os conteúdos estão distantes da realidade e devem ser decorados e cobrados.
- A oferta atual de informações e conhecimentos é cada vez maior e melhor fora da sala de aula, graças aos novos recursos tecnológicos em especial a Internet e a Multimídia interativa. (SILVA, 2003, p. 13).

É justamente esta relativa indiferenciação que determina o tipo de ser social. A qualidade de suas trocas intelectuais com outrem ainda define um grau de socialização precário, onde ela se encontra ainda isolada dos outros, não por estar plenamente consciente de si e fechada em si mesma por alguma decisão autônoma, mas por não conseguir usufruir da riqueza que essas trocas lhe trarão mais tarde. (PIAGET, 1992, p. 16).

Nessa perspectiva, é importante conhecer os docentes, os discentes e a gestão de cada escola para diagnosticar, mapear e inferir em cada unidade educacional, para trazer cidadania.

Entretanto trabalhar esses três objetos requeria tempo além do possível no curso EJA, de modo que foi escolhida apenas uma vertente para o estudo: A avaliação do corpo discente, não impedindo que outros trabalhos completem o necessário estudo.

Assim o objetivo dessa monografia é mapear o perfil dos alunos jovens e adultos da Escola Estadual Dr. Alfredo Pessoa de Lima, atendendo os objetivos a saber: Aglutinar teoria

sobre gestão, aprendizagem, motivação e os motivos que levam o aluno a evadir; Levantar e analisar dados a respeito dos discentes da escola Dr. “Alfredo Pessoa de Lima” e Identificar os aspectos problemáticos dos discentes da Escola Dr. Alfredo Pessoa de Lima.

Portanto, esta monografia buscará responder a seguinte questão: Qual é o perfil dos alunos da EJA médio da Escola Estadual Dr. Alfredo Pessoa de Lima?

A elaboração desta monografia visa colaborar de forma gradativa nas possibilidades de melhoria no ensino aprendizagem, garantindo ensino público de qualidade em todos os níveis. Podemos considerar a ilusão de pensar numa educação democrática com o fim destes problemas nas escolas e no processo de exclusão social a que são submetidas às classes populares; também a ilusão de pensar em uma escola pública que não haja carência, repetência e evasão.

Por essa razão, entendemos ser importante desenvolver investigações que se proponham a dimensionar a vida escolar através das percepções e significados dos próprios alunos proporcionando um conhecimento realista de trabalho da escola e das lacunas que se apresentam, favorecendo assim, a formulação de diagnóstico mais verdadeiro e esclarecedor da situação educacional existente.

Na pesquisa realizada em 2005 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Anísio Teixeira, o INEP, revelou que 78% das famílias estão satisfeitas com o ensino que as escolas públicas oferecem a seus filhos. “Boa parte desses pais e mães não concluiu o Ensino Fundamental e satisfaz em conseguir uma vaga para seus filhos em uma escola perto de casa. As famílias não acordaram para a única maneira de ascensão social, que é o estudo eficiente”, afirma (ARAÚJO, 2006, p. 43).

A falta de consciência sobre o que é qualidade de ensino e sobre a importância de ser bem educado nos dias de hoje está na raiz do nosso subdesenvolvimento. Porém a educação é a única saída para reduzir desigualdades.



Na verdade, a preocupação com a educação e formação dos membros de uma comunidade é tão antiga quanto a humanidade.

Já o genial Aristóteles formulou claramente o princípio do investimento quando diz que a educação é a melhor providência para os dias de velhice. Ele considera pessoas educadas tão superiores às não-educadas quanto os vivos são superiores aos mortos.

Bem antes do capitalismo concorrencial, John Hales apud Ammann (1987, p. 25) escreveu que: O bem estar nacional é conquistado, essencialmente através da aprendizagem, através do processo de estudar e aprender.

Vimos neste contexto que a educação, não pode ser vista com um paliativo, porque desde a antiguidade ela já era a solução que atenuava os problemas da sociedade e hoje a responsabilidade diante de um mundo globalizado torna-se maior. Não se pode falar em desenvolvimento se infelizmente a educação só vem deixando a desejar. Entretanto, não é uma tarefa simples, mas que pode ser solucionada desde que haja conscientização da importância que a educação tem para o progresso de um país.

Diante de tanto descaso, hoje temos uma realidade que justifica o caos que se tornaram as escolas, a desmotivação enfim todo um processo negativo que traz em si conseqüências trágicas para uma sociedade que caminha em busca de interesses que ficará retida nos sonhos que dificilmente tornar-se-á realidade.

Educar em circunstâncias incertas, como as de hoje, torna nosso trabalho mais importante, não menos. (MENEZES, 2006, p. 64).

Ao perceber que num cenário de globalização das agendas educacionais é praticamente impossível deter as ondas que chegam ao país através de novas-velhas prioridades das quais a descentralização é um exemplo, assim como a gestão e a descoberta do papel dos autores na execução e financiamento das políticas, agora, mais e mais focalizada.

Por entre as brumas desse cenário tão amplo movem-se embaçadas as perspectivas da educação como um direito universal a todos. Porém:

De fato os progressos educacionais realizados pelo Brasil, na segunda metade da educação de 90 foram notáveis. Mesmo assim, estes avanços não foram suficientes para satisfazer adequadamente as demandas existentes, até porque as exigências da sociedade mudaram, acompanhando as transformações tecnológicas. Hoje, já não basta garantir a universalização do ensino compulsório, que no Brasil é de oito anos. Para uma cidadania plena e uma vida produtiva exige-se, no mínimo 12 anos de escolaridade básica. (BRASIL/MEC, 2000, p. 3).

A democratização do acesso à educação básica no Brasil requer, investimentos substanciais na ampliação, manutenção e recuperação da rede física de escolas, na formação, reformulação da jornada de trabalho e recuperação salarial do magistério, na pesquisa educacional; na elaboração de materiais didáticos, além de uma política de apoio ao estudante com subsídios a alimentação, transporte e material escolar com recursos distintos.

Então os objetivos de uma escola são: Oportunizar o desenvolvimento da integração, participação, solidariedade, responsabilidade, criatividade e convivência, onde o aluno possa ter sua autoconfiança e autonomia, adquirindo e criando conhecimento para superar possíveis dificuldades para isso temos que fazer algo que leve os alunos a reconhecer o valor da educação, refletindo sobre seus interesses diante da concepção do que vem ser educação.

De acordo com o estudo feito nesta escola, observamos que não há nenhum trabalho semelhante, ou seja, não há bibliografia onde se aprofunde esse estudo, e também não havendo tempo para pesquisar os três prognósticos sendo: Os docentes, os discentes e forma de gestão é que se justifica esse trabalho de traçar o perfil dos discentes.

## 2 – TRANSMISSÃO DO CONHECIMENTO

*A educação para o inconformismo tem de ser ela própria inconformista. A aprendizagem da conflitualidade dos conhecimentos tem de ser ela própria conflitual. Por isso, a sala de aula tem de transformar-se ela própria em campo de possibilidades de conhecimento dentro do qual há que se optar.* (INÊS, 2006).

### **2.1 Aprendizagem**

A educação não se esgota só na aprendizagem cognitiva e instrumental Dorneles (2005, p. 63), mas envolve as aprendizagens sociais tão necessárias quanto as primeiras. É essa visão holística de educação, que engloba todas as áreas dos indivíduos, que a comissão defende como sendo necessária para o século XXI. Outra idéia comum explícita ou implícita, é a necessidade de se retomar constantemente os quatro pilares sobre os quais repousa a educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a viver em conjunto. Mesmo que esses quatro pilares invoquem certa utopia educacional, ela é necessária e indispensável para pensar o futuro que queremos para os cidadãos do mundo. Esses pilares remetem a uma realidade deste início de século: a necessidade de estarmos em permanente processo educativo de sermos aprendizes ao longo da vida.

Hoje em dia os professores que ainda acreditam que os alunos aprendem repetindo as informações estão reduzindo-se progressivamente. Nós sabemos que os alunos lidam com as informações modificando-as, reorganizando-as reinterpretando-as e atribuindo-lhes sentido (DORNELES, 2005a, p. 21).

Segundo Hoffmann (1998), o olhar do professor precisa ser, sensível ao tempo de cada educando, de cada grupo de alunos, qualitativamente diferente a cada momento. A

aprendizagem dá-se por uma sucessão de continuidades e descontinuidades e muitas manifestações dos alunos contradizem observações anteriores feitas ou tais observações não foram profundas o suficiente para compreendê-las sendo assim ela se expressa:

Por certo, o olhar do professor precisa acompanhar a trajetória do pensamento do aluno, fazendo-lhe sucessivas e constantes provocações para poder complementar as hipóteses sobre o seu saber e sobre o seu jeito de alcançar o saber (HOFFMANN, 1998, p. 30-31).

Cury (2003), diz que os conceitos do ensino e aprendizagem encontram-se indissociavelmente ligados. Porém, ao se falar de ensino, evocam-se conceitos como: instrução, orientação, comunicação e transmissão de conhecimentos que indicam o professor como elemento principal do processo. Já ao se tratar de aprendizagem, evidenciam-se conceitos como: descoberta, apreensão, modificação de comportamento e aquisição de conhecimentos, que se referem diretamente ao aluno.

Nesse enfoque Hernández (2002), a aprendizagem através dos projetos de trabalho proporciona-nos inúmeros exemplos de diálogo entre alunos e entre eles e o professor. No entanto, é importante levar em conta que o diálogo é mais do que conversa. Supõe considerar que aprender é construir marcação, construir uma história para ser compartilhada com os outros (incluindo a família e a comunidade). :

Aprender é considerado como uma situação complexa que se move em múltiplas direções e que envolve a todos sem distinção, na qual todos têm voz e visibilidade, visto que assim não apenas contribuem para a aprendizagem, como é a relação entre escuta e intercâmbio que possibilita a aprendizagem (HERNÁNDEZ, 2002, p. 21).

O educador democrático não pode negar-se o dever de na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis.

É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito. Mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível (FREIRE, 1996, p. 26).

A perspectiva de aprendizagem baseada no diálogo Hernández (2002), tem como um de seus fundamentos a idéia de que os alunos são professores e os professores aprendizes. Conseqüentemente, faz com que as hierarquias sejam quebradas e os limites tornem-se menos evidentes. A função do docente é estimular o diálogo entre e com os estudantes, com base na experiência compartilhada que estão produzindo.

Maturação, aprendizagem ou uma combinação de ambas são os meios em função dos quais ocorrem mudanças duradouras nas pessoas. A maturação é um processo de desenvolvimento pelo qual uma pessoa de tempos em tempos manifesta desempenhos diferentes cujas “cópias” já impressas em suas células no momento da concepção.

A aprendizagem, ao contrário da maturação envolve uma mudança, duradoura no indivíduo, não marcada por sua herança genética. Pode ser uma mudança de “insight”, de comportamento, de percepção ou de motivação ou ainda combinação desses elementos. (BIGGE, 1977, p. 1).

Freire (2003) criticava a idéia de que ensinar é transmitir saber porque para ele a missão do professor era possibilitar a criação ou a produção de conhecimentos. Essa distinção entre informações e conhecimento leva a diferentes significados atribuídos aos conceitos de aprendizagem. Um significado pode ser o de memorizar informação. Aprender está relacionado com a capacidade de reter a afirmação que foi transmitida.

Nesse sentido, a educação passa a ser vista como o processo de “depositar informação” no aprendiz – a educação bancária, que foi criticada pelo mesmo profissional de educação deve levar os alunos a conhecer conteúdos, mas não como verdade absoluta. Ninguém ensina nada a ninguém, mas as pessoas também não aprendem sozinhas. “Os homens se educam entre si mediados pelo mundo”.

Aprendemos mais depressa aquilo que nos agrada, que nos dá prazer. Thorndire apud Fontoura (1961, p. 296) que assim anunciou: Os indivíduos tendem a repetir e, portanto a aprender, as relações que em geral são agradáveis e a evitar, portanto deixar de repetir e de aprender as relações que em geral são desagradáveis.

Segundo Pogr  (2005), Qual seria, então, a dificuldade que faz com que, apesar de termos modificado nossas concep es sobre a aprendizagem e apesar de nos propormos a formar crianças capazes de interagir com a realidade de forma crítica e construtiva, continuemos trabalhando nas salas de aula como se pensássemos que aprender   repetir e recordar, ou que ensinar   “dar aula”?

Conforme nos alerta David Perkins (1995), O problema   que, para além dos avanços em termos de aprendizagem, das pesquisas sobre as escolas eficazes, dos estudos sobre as possibilidades de mudança e inova o em educa o,   muito complexo dar um salto entre o enunciado de nossos saberes e o seu “uso ativo”. Existe uma enorme brecha entre nossas teorias e nossas práticas.

O mundo está exigindo, cada vez mais, que as pessoas saiam da escola com capacidade para aprender a aprender, a pensar, a resolver problemas, a ser criativo, crítico, aut nomo, capaz de interagir com outras pessoas. O mundo precisa de pessoas que tenham condi es de se comunicar eficientemente e competência para atuar de maneira consciente, responsável, construtiva e solidária na sociedade. (VILLELA, 2006, p. 42).

Segundo Valente (2004), educar deixa de ser o ato de simplesmente transmitir informa o e passa a ser o de criar ambientes de aprendizagem para que o aluno possa interagir com uma variedade de situa es e problemas, auxiliando-o na interpreta o dos mesmos para que consiga construir novos conhecimentos, inclusive conhecimentos sobre aprender a aprender. Para poder entender a diferença entre os termos educa o ao longo da vida e aprendizagem ao longo da vida,   necessário entender as diferenças entre informa o e

conhecimento, bem como as diferentes concepções que são atribuídas ao conceito de aprendizagem. (p.12).

Segundo Pérez Gómez apud Libânio (2000) toda aprendizagem relevante é um processo de diálogo com a realidade natural e social o qual supõe participação, interação, debate, trocas de significados e representações e envolve professores e alunos e alunos entre si. Sendo a sala de aula um lugar de construção, reconstrução e de compartilhamento de culturas.

Para Spence apud Bigge (1977, p. 101), “a aprendizagem é um constructo inobservável e hipotético ou uma variável que intervém entre variáveis observáveis dependentes e independentes”. Segundo Bigge (1977), a teoria de campo cognitivo, pode-se dizer que uma pessoa aprende através da diferenciação, generalização e reestruturação da sua pessoa e do seu meio psicológico. Dessa forma a pessoa adquire controle de si mesma e do seu mundo.

Segundo Veiga (1992, p. 149) a aprendizagem escolar dá-se por isso, no quadro de um intersubjetividade específica, que supões sujeitos diferenciados à busca de se entender sobre si mesmo e sobre seus mundos e que desde suas interações desiguais, progridem na direção da relação política, em que se constituem em cidadãos-sujeitos singularizados capazes de conduzirem-se com autonomia exigida por suas co-responsabilidades.

Mesmo com esses meios em busca de superar as dificuldades e mudar as formas de aprendizagem dos alunos requer também mudar as formas de ensinar de seus professores, por isso, a nova cultura de aprendizagem exige um novo perfil de aluno e de professor, exige novas funções discentes e docentes, as quais só se tornarão possíveis se houver uma mudança de mentalidade, uma mudança de concepção profundamente arraigada de uns e de outros sobre a aprendizagem e o ensino para encarar essa nova cultura da aprendizagem (POZO, 2004, p. 11).

Segundo Valente (2004), a educação baseada simplesmente na transmissão de informação está com os dias contados, pois não contribui para o desenvolvimento das competências e das habilidades necessárias nem tem condições de repassar o volume de informação que está sendo gerado.

À medida que a sociedade vai tornando-se cada vez mais dependente do conhecimento, é necessário questionar a concepção de educação e de aprendizagem. É importante entender a aprendizagem como uma atividade contínua, que estende ao longo da vida. A educação tem de criar condições para o aluno desenvolver a habilidade de aprender a aprender, de modo que ele seja capaz de continuar sua aprendizagem mesmo depois de deixar a escola (VALENTE, 2004, p. 13).

Para poder entender a diferença entre os termos educação ao longo da vida e aprendizagem ao longo da vida, é necessário entender as diferenças entre informação e conhecimento, bem como as diferentes concepções que são atribuídas ao conceito de aprendizagem. A informação pode ser vista como os fatos que se encontram nas publicações, na Internet ou mesmo o que as pessoas trocam entre si. O conhecimento é o que cada indivíduo constrói com produto do processamento, da interpretação, da compreensão da informação.

Uma outra interpretação para o conceito de aprender é o de construir conhecimento – do latim, *apprehendere*, que significa apanhar, apreender, apropriar-se, compreender.

A aprendizagem realiza-se nas relações face a face, ou melhor, ouvido a ouvido de alunos e professores postos à escuta das vozes que os interpelam. Ao educando cabe a palavra da realidade nova interpelante; ao educador, a palavra alicerçada na experiência de vida, na capacidade de discernimento, no compromisso com a busca do saber, com a precisão; cabe também a disciplina do estudo, com a interpelação ética da vontade coletiva, na fidelidade ao projeto da emancipação humana. (FONTOURA, 1961, p. 160-165).



Segundo Melo (2005), vale a pena inserir no currículo a aprendizagem não apenas de conhecimentos mas também das atitudes que são necessárias para a vida, como a cooperação, a ação positiva para a resolução de conflitos e de problemas, a postura firme de resistência e de segurança para a tomada de decisão. Para isso, crie oportunidades para que todos participem e tenham responsabilidades. O sucesso na aprendizagem fortalece o aluno para a vida. (p.20).

Compreender é pensar e agir com flexibilidade em qualquer circunstância a partir do que se sabe a respeito de algo. Essa definição é a base da educação para a compreensão. Nossas escolas e nosso ensino não são organizados para produzir compreensão em um conjunto de alunos que apresentam diferentes talentos e habilidades que são oriundos de diferentes contextos socioculturais e que se vinculam a realidade de diferentes maneiras. Assim:

Ensinar para a compreensão requer uma proposta pedagógica (didática), e isso, por sua vez, requer uma nova organização das salas de aula e das escolas para que comportem diferentes modos de ensinar. (POGRÉ, 2005, p.17).

## ***2.2 Motivação***

Para compreender a motivação humana, o primeiro passo é o conhecimento do que provoca e dinamiza. A motivação existe dentro das pessoas e se dinamiza através das necessidades humanas. Todas as pessoas têm suas necessidades próprias, que podem ser chamadas de desejos, aspirações, objetivos individuais ou motivos. As necessidades humanas ou motivos são forças internas que impulsionam e influenciam cada pessoa, determinando seus pensamentos e direcionando seu comportamento frente às diversas situações da vida. Daí resulta que os motivos ou necessidades são pessoais e individuais, pois são determinados

pelos fatores que formam a personalidade, pelos traços biológicos e psicológicos e pelas características adquiridas através da experiência pessoal e aprendizagem de cada pessoa (CHIAVENATO, 1994, p. 197).

É indispensável a motivação no processo de ensino-aprendizagem. Um aluno pode ser inteligente, mas se ele não quer aprender, ninguém poderá fazê-lo aprender. Se submetido a uma situação de aprendizagem, como uma aula, ele provavelmente dedicará sua energia e atenção a fins menos desejáveis. Por outro lado, um aluno altamente motivado provavelmente fará melhor do que um teste de inteligência pudesse ter previsto (GIL, 2005).

A motivação é algo interior, as pressões externas podem aumentar o desejo de aprender, mas é necessário primeiramente que se queira aprender, ou seja, faz-se necessário que o indivíduo tenha em seu interior o interesse em descobrir novos conhecimentos. A motivação sempre tem origem numa necessidade. Esta é que determina a direção do comportamento para alvos apropriados a sua satisfação.

Entendido desta forma, o problema da motivação torna-se bastante complexo, pois o professor só conseguirá de fato motivar seus alunos se for capaz de despertar sem interesse pela matéria que está sendo ministrada. Ou quando for capaz de demonstrar que aquilo que está sendo ensinado é necessário para os alunos alcançarem os seus objetivos (GIL, 2005, p. 59).

Para Maslow apud Lopes (1980), as necessidades humanas estão arranjadas em uma pirâmide de importância e de influência do comportamento humano. Na base da pirâmide estão as necessidades mais baixas e recorrentes, enquanto no topo estão as mais sofisticadas e intelectualizadas.

A escola pode estimular a capacidade dos alunos de encontrar a felicidade em um processo de compreensão da sociedade na qual estão inseridos e do momento que estamos vivendo; ela pode fazer com que os alunos sintam-se atuantes, responsáveis e capazes de interferir para modificar o meio sob uma ótica positiva e ética; ela pode inserir o empreendedorismo na escola para o resgate da auto-estima dos alunos; ela pode, enfim, aprimorar competências

e habilidades através de estratégias diferenciadas. Cabe a cada um de nós fazer a diferença no ambiente em que atuamos, persistir, manter o ritmo, realizar, amar aquilo que fazemos. Este é o verdadeiro motor do empreendedorismo na educação: a atitude de cada um de nós. Não há papel que não tenha sucesso quando ensaiado e desempenhado com amor e competência. (VILLELA, 2006, p.43).

Segundo Rappaport (1985) - não há dúvidas de que a motivação e o estado emocional de uma pessoa influenciam de modo decisivo a sua percepção. Por esta razão o experimentador interessado em estudar percepção tenta eliminar as diferenças individuais entre os sujeitos em especial as decorrentes da motivação e emoção, procurando trabalhar com grupos homogêneos aos quais fornecem instruções altamente padronizadas (p. 313).

A motivação é o coração da aprendizagem. Uma adequada motivação não apenas encaminha a atividade da qual resulta a aprendizagem, mas também sustenta e dirige essa atividade. É importante notar que raramente o aluno dá o máximo de si, de sua capacidade de aprendizagem, exatamente porque não estimula, não tem uma motivação suficiente para se esforçar. Mas que vem a ser afinal, a motivação? Segundo Dewey apud Fontoura (1961) - diz que motivação é o esforço vitalizado, isto é, o esforço que nasce do próprio aluno, o impulso que leva o aluno a si interessar pela aprendizagem.

Lopes (1980) - diz que uma necessidade insatisfeita constitui o ponto de partida no processo da motivação. Significativa uma deficiência dentro do indivíduo e provoca a chispa que deslança a cadeia de eventos conduzindo ao comportamento. A necessidade insatisfeita causa tensão física ou psicológica dentro do indivíduo, forçando-o a engajar-se em alguma espécie de comportamento a busca de um meio para satisfazer a necessidade e, por conseguinte, reduzir a tensão. Nota-se que esta atividade dirige-se a um objetivo que, uma vez atingido, satisfaz a necessidade e assim completa o processo da motivação. Assim ele afirma: O processo contínuo começa com uma necessidade insatisfeita e termina com a satisfação dessa necessidade, figurando o comportamento dirigido para um objetivo como parte do processo (p. 31).

Neste sentido, Fontoura (1961) - “Nem sempre as crianças são capazes de apreciar o valor dos trabalhos escolares, pois com muita freqüência, não podem compreender a relação que há entre a aprendizagem e uma aspiração valor ou fim importante da vida. Daí a necessidade de motivar o processo didático”. E acrescenta, motivar um ato é fazer com que ele tenha sua causa dentro do próprio agente do próprio indivíduo que o vai praticar é a razão baseada num interesse orgânico o psíquico do indivíduo. (FONTOURA, 1961, p. 314).

Segundo Cury (2003), os educadores progressistas, preocupados com uma educação para a mudança, colocam mais ênfase na aprendizagem que no ensino. Os humanistas constituem os exemplos mais claros de adoção desta postura. Para estes educadores e os alunos que estão centrados as atividades educacionais, em suas aptidões, explicativas, interesses, oportunidades, possibilidades e condições de aprender. Os alunos são incentivados a expressar as suas próprias idéias, a investigar as coisas sozinhas e a procurar os meios para o seu desenvolvimento individual e social.

Toda a ação é interessada. Todo ato depende de um motivo prévio. Os motivos do adulto podem ser intelectuais, abstratos, filosóficos, lógicos, religiosos, mas os da criança tem que ser concretos, imediatos visíveis. Por isso a escola precisa dar uma motivação para a aprendizagem. (FONTOURA, 1961, p. 330).

Nessa perspectiva Melo (2005), acrescenta:

Uma atitude bastante eficaz é investir nos vínculos, o que significa relacionar-se melhor com os alunos e abrir possibilidades para que cresçam entre eles laços de amizade. Ajuda muito também estabelecer limites, com a negociação de regras claras que sejam válidas tanto para adultos quanto para crianças e jovens (MELO, 2005, p.20).

Segundo Krech (1973) - a clareza da estrutura da perspectiva de tempo no espaço da vida desempenha um papel de motivação. Os estudos de disposição mostram que os indivíduos e os grupos agem mais eficientemente quando existe clareza, quando as etapas que

tem pela frente e sabem exatamente as conseqüências de cada um dos seus atos, qual a sua posição quanto aos seus objetivos. E por outro lado, esses estudos demonstram que o desânimo resulta na falta de clareza, quanto ao indivíduo ou o grupo não sabem para onde vão, não são capazes de compreender a importância e o lugar da atividade específica do momento, no quadro de referência mais amplo do progresso, para objetivos mais distantes.

Bergamini (1997) - a predisposição motivacional pode ser considerada também como um dos elementos que compõem as estruturas internas de personalidades. Conseqüentemente, tem sentido falar-se de estilo comportamento motivacional, como sendo um fator indicativo das marcas individuais, que cada pessoa evidencia, quando se comporta ao buscar seus próprios fatores de satisfação motivacional.

A solução para o melhor conhecimento da motivação não está em organizar as pessoas segundo, conjuntos de objetivos motivacionais iguais. Todos nós possuímos os mesmo objetivos e mais cedo ou mais tarde estaremos perseguindo ou um ao outro, o essencial parece descobrir como cada um persegue caminhos diferentes para atingir a um mesmo objetivo.

Já se viu que cada qual tem um perfil de motivação, de modo que certos impulsos são particularmente fortes, e certos objetivos serão procurados em situações sociais. Quanto mais êxito tiver algum em estabelecer um padrão de comportamento que atenda as necessidades, tanto mais ele gozará esta situação; quanto mais tiver de afastar-se de seu padrão preferido de interação, menos gozará dele (ARGYLE apud BERGAMINI, 1990, p. 50).

Alderfer apud Lopes (1980) - um dos grandes teóricos atuais sobre motivação, propõe desde o início de sua teoria, o caráter interior da motivação afirmando que embora aquilo que possa chamar de satisfação e desejo sejam estados subjetivos de uma pessoa diferem quanto ao seu grau de subjetividade. A satisfação está ligada aos resultados que uma pessoa chega a obter a partir de sua interação com o meio ambiente. Assim ela está ligada ao estado interior

característico de uma pessoa que conseguiu obter aquilo que buscava e que pode ser considerado como aquilo que foi “conseguido”, porém:

A satisfação das necessidades de crescimento depende da oportunidade de que a pessoa tem de aproveitar para agir de forma pró-ativa frente ao seu ambiente, mas, se o meio ambiente não responde, ele passa a ter pouca importância, caso a pessoa queira produzir efeitos por não conseguí-los. Assim, quanto maior for o efeito imediato das preocupações com o ambiente, mais ele está oferecendo desafio e escolha. (ALDERFER apud LOPES, 1980, p. 100).

Não somente o conceito de personalidade passa a exigir cuidadosa atenção devido à importância que assume como também ele passa a sofrer influência marcante da Psicologia Organizacional e para a maioria das definições assume os aspectos apontados por Johns apud Bergamini (1990, p. 50), personalidade refere-se ao conjunto de características psicológicas relativamente estáveis que influenciam a maneira pela qual interagimos com o ambiente.

Como propõe Mitchel apud Chiavenato (1994, p. 134) - as atitudes estão de fato relacionadas ao comportamento. Elas indicam uma predisposição pessoal em reagir de forma particular, gerando pressão psicológica. Todavia outras forças podem ter maior importância e neutralizar tal pressão. As normas sociais proíbem as pessoas de se comportarem de forma como desejariam. Mas o ponto importante é que essas forças externas não existissem, o indivíduo provavelmente se comportaria de acordo com sua própria atitude. É possível formar ou mudar a atitude de uma pessoa, influenciando, assim o seu comportamento. Mas esse processo de influência não é simples nem rápido, ele encontra resistência que só serão rompidas a partir do uso de doses significativas de informações.

O Motivar a ação significa despertá-la, mantê-la e dirigi-la. A motivação é, portanto, a estimulação que leva o indivíduo a agir, e na escola a estimulação que conduz o aluno a se interessar pela aprendizagem.

A rigor não se pode existir verdadeira aprendizagem sem motivação. Uma e outra constituem dois termos inseparáveis: São como a cara e a coroa de uma moeda. “Não existe uma coisa tal como aprendizagem não-motivada. A motivação não é algo que se junte, que se some ao processo da aprendizagem com o fim de torná-lo mais eficiente. Pelo contrário, a motivação é a condição indispensável para a aprendizagem (JERSILB e McCONNEL apud FONTOURA, 1961, p. 314)”.

Segundo Hilgard apud Bergamini (1990, p. 75) – “quando o indivíduo sabe o que quer, sabe qual é o esforço para superar obstáculo em seu caminho e sabe quais as satisfações que o estado final lhe dará, pode colocar seus objetivos em palavras. Se existem perigos, está preparado para enfrentá-los. Esse comportamento é claramente intencional, pois a intenção é realizada de acordo com um plano enunciado”.

O problema é que nenhum objeto exerce sobre todos os indivíduos uma força de atração e na escola o professor precisa ter a sagacidade de despertar o interesse dos alunos pela matéria em geral e para cada assunto em particular. A maneira de criar uma fonte intrínseca de motivação é dar ao objeto da aprendizagem tais características que atraia os alunos. Nesse caso, o atrativo não “nasceu” com o objetivo, mas nele foi inteligentemente “enxertado” pelo mestre. (FONTOURA, 1961, p. 316).

### ***2.3 Gestão escolar***

O centro da organização e do processo administrativo é a tomada de decisão. Todas as demais funções da organização (o planejamento, a estrutura organizacional; a direção, a avaliação), estão referidas ao processo eficaz de tomada de decisões Griffiths apud Libânio (2000). Os processos intencionais e sistemáticos de se chegar a uma decisão e de fazer a decisão funcionar caracterizam a ação que denominamos gestão.

A direção é um princípio e atributo da gestão, mediante a qual é canalizado o trabalho conjunto das pessoas, orientando-as e integrando-as no rumo dos objetivos. Basicamente, a direção põe em ação o processo de tomada de decisões na organização e coordena os trabalhos de modo que sejam executados da melhor maneira possível.

O diretor de escola é o responsável pelo funcionamento administrativo e pedagógico, portanto, necessita de conhecimentos tanto administrativo quanto pedagógico Libânio (2000). Em razão disso, a escolha do diretor de escola requer muita responsabilidade do sistema de ensino e da comunidade escolar. Infelizmente, predomina ainda no sistema escolar público brasileiro a nomeação arbitrária de diretores pelo governador ou prefeito, geralmente para atender conveniências e interesses político-partidários, colocando o diretor como representante desses interesses, inibindo seu papel de coordenador e articulador da equipe docente.

Concebemos a escola a partir de um plano escolar macro e partir de uma gestão democrática, pedagógica, administrativa, financeira e de recursos humanos. O Projeto Político Pedagógico não apenas como uma possibilidade de gestão pedagógica capaz de evitar a dicotomia na construção dos conhecimentos veiculados dentro e fora da escola. A gestão democrática se materializa pela correlação de forças que se estabelecem entre os agentes escolares e a comunidade.

Nessa perspectiva, Pires (1999), afirma que essa correlação é democrática na medida em que são adotadas práticas de gestão que envolvem a participação de todos os que fazem a escola, bem como o conjunto de pessoas que podem e devem relacionar-se com ela. Referidas práticas de gestão democráticas são, dentre outras atividades: o planejamento participativo; o estabelecimento de parcerias; a participação de pais e alunos.

A escola e seu modo de se organizar constituem um ambiente educativo, isto é, um espaço de formação e de aprendizagem construído por seus componentes, um lugar em que os



profissionais podem decidir sobre seu trabalho e aprender mais sobre sua profissão. Acredita-se que não são apenas os professores que educam. Todas as pessoas que trabalham na escola realizam ações educativas, embora não tenham as mesmas responsabilidades nem atuem de forma igual. (LIBÂNIO, 2000, p. 295).

Disso significa dizer que nas escolas é preciso construir um trabalho pedagógico que contribua para o desenvolvimento de mecanismo de dominação e para o desenvolvimento de processos de constituição identitária que possam levar ao inconformismo com a denominação social e a conquista da autonomia.

Esses seriam princípios a serem seguidas no desenvolvimento de práticas educativas cotidianas voltadas para a construção da democracia e da emancipação social. Amplas o potencial democratizante dessas práticas dentro da escola requer a incorporação a prática curricular cotidiana dos fundamentos do “projeto educativo emancipatório”. (SANTOS, 2003, p. 17-18).

No âmbito interno das escolas é fundamental promover formas consensuais de tomada de decisões, o que implica a participação dos sujeitos envolvidos como medida de prevenção de conflitos e resistência que possam obstruir a implementação das medidas consideradas necessárias.

Segundo Oliveira (1997, p. 44), melhorar a qualidade da educação vai muito além da promoção de reformas curriculares, implica, antes de tudo, criar novas formas de organização do trabalho na escola que não apenas se contraponham as formas contemporâneas de organização e exercício do poder, mas que constituam alternativas práticas possíveis de se desenvolverem e de se generalizarem, pautadas não pelas hierarquias de comando, mas por laços de solidariedades, que consubstanciam formas coletivas de trabalho, instituindo uma lógica inovadora no âmbito das relações sociais.

A escola, para se apropriar de uma forma específica de gestão necessita enxergar-se, olhar para o seu cotidiano e fazer dele um objeto de reflexão. Assim:

É preciso, pois partir da atual maneira em que está o trabalho organizado na escola, para propor e implementar novas formas de administração que sejam não apenas mais democráticos, mas também mais eficazes na busca dos objetos educacionais”. Se a responsabilidade última pelo funcionamento da escola acha-se concentrado hoje, nas mãos do diretor escolar, em lugar de ignorar esse fato, cumpre envolver esse diretor cada vez mais com os compromissos de transformação. (PARO, 1997, p. 165).

Em geral, a organização do ensino tem obedecido a modelos de gestão que predominam estruturas hierárquicas, através da qual a maioria das decisões são tomadas no topo da instituição. (SIMÕES, 1985).

Segundo Libânio (2000), a participação é o principal meio de se assegurar a gestão democrática da escola possibilitando o envolvimento de profissionais e usuários no processo de tomada de decisões e no funcionamento da organização escolar. Além disso, proporciona um melhor conhecimento dos objetivos e metas, da estrutura organizacional e de sua dinâmica, das relações da escola com a comunidade e favorece uma aproximação maior entre professores, alunos e pais. Sendo assim ele se expressa:

A escola tem uma cultura própria que permite entender tudo o que acontece nela, mas essa cultura pode ser modificada pelas próprias pessoas, ela pode ser discutida, avaliada, planejada, num rumo que responda aos propósitos da direção, da coordenação pedagógica, do corpo docente. (LIBÂNIO, 2000, p. 109).

## ***2.4 Evasão Escolar***

Muitas vezes as causas que determinam as situações de fracasso escolar são atribuídas somente aos alunos e, freqüentemente, eles acreditam nisto. É mais fácil dizer que o problema

é dos ou das famílias. Na realidade, os professores, a escola, a família e os alunos sofrem as deficiências de um sistema escolar carente e excludente.

Todos estes problemas afetam as relações escolares, prejudicando alunos, pais e professores e, neste contexto, muitos alunos não respondem positivamente às exigências escolares e acabam abandonando a escola e procurando outros caminhos.

Neste sentido, Marchesi (2005), diz que: Nenhum aluno está condenado a priori a fracassar na escola, mas os riscos de fracassar vão acumulando-se ao longo de sua história pessoal e escolar. São muitas as razões que levam os alunos a abandonar o sistema educacional antes de completar sua educação básica: Alguns porque precisam trabalhar ou ajudar a família; outros porque se aborrecem na sala de aula por não compreender a tarefa que devem cumprir; outros a maioria, talvez, porque não tenha encontrado apoio suficiente no período escolar nem de sua família, nem de seus professores, nem de si próprios. Entre outros fatores que levam os alunos a um progressivo desligamento da atividade escolar.

Para Charlot (2000), nem sempre o “fracasso” é uma carência ou uma falta, pois o aluno que fracassa em uma determinada escola, poderia ter sucesso em outra; Pode fracassar num determinado período e em outro não. São inúmeras as situações, difíceis ou não, por que passa os alunos e que interferem na vida escolar deles e que podem ser determinantes no seu “sucesso” ou “fracasso” na escola. Não são apenas os aspectos cognitivos que devem ser analisados, mas os aspectos individuais, sociais e econômicos. Que são aspectos determinantes para a sua reprovação ou abandono da escola. Neste sentido:

A questão do fracasso escolar remete para muitos debates: sobre o aprendizado, obviamente, mas também sobre a eficácia dos docentes, sobre o serviço público, sobre a igualdade das “chances”, sobre os recursos que os pais devem investir em seu sistema educativo, pois a “crise”, sobre os modos de vida e o trabalho na sociedade de amanhã, sobre as forma de cidadania. (CHARLOT, 2000, p. 14).

Segundo Leão apud Oliveira (2006), a decisão entre estudar ou não, investir na formação ou no trabalho, prolongar a trajetória escolar ou parar em determinado ponto dependerá de uma combinação de fatores objetivos e subjetivos que conformarão o peso que a educação tem na vida de cada um de sua família.

A escola para os alunos precisa ter um sentido real: Senão ele não vai, ou se for não aprende. É preciso que este sentido de estar ali tenha sua origem no prazer que o ato de aprender pode proporcionar e aliada ao prazer exista uma atividade intelectual a ser desenvolvida. Para Charlot (2000), resolvendo estas questões, tudo estará praticamente resolvido. O sentido de ir à escola, o prazer de estar nela e a atividade intelectual a ser desenvolvida são pontos primordiais, para que o processo educativo seja eficiente. O método a ser usado não é o mais importante, o importante é fazer com que os alunos, dentro da sala de aula, despertem o sentido e o prazer de estar e permanecer ali.

## ***2.5 EJA no Brasil.***

O rejuvenescimento da população que frequenta a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um fato que vem progressivamente ocupando a atenção de educadores e pesquisadores na área da educação. O número de jovens e adolescentes nesta modalidade de ensino cresce a cada ano, modificando o cotidiano escolar e as relações que se estabelecem entre o sujeito que ocupam este espaço. (BRUNEL, 2004, p. 9).

Há um avanço significativo quanto a LBD anterior ao superar a idéia de ensino supletivo para cursos, incorporando o que se constitui nas iniciativas, por parte de muitos municípios comprometidos com o efetivo atendimento da EJA. Fixa a idade de 14 anos para o ingresso em cursos de EJA do ensino fundamental e de 17 anos para o ingresso em cursos de EJA do ensino médio. (SOARES, 2002, p. 13-14).

Nesta linha, a educação de jovens e adultos representa uma promessa de efetivar um caminho de desenvolvimento de todas as pessoas de todas as idades. Nela adolescentes, jovens, adultos e idosos poderão atualizar conhecimentos, mostrar habilidades, trocar experiências e ter acesso a novas regiões do trabalho e da cultura. Talvez seja por isso que Comenius (1984, p. 43), faz uma colocação a respeito desse aspecto. A arte de ensinar tudo a todos é uma obrigação e que toda a juventude de um e de outro sexo, sem excetuar ninguém em parte alguma deve forma-se nos estudos.

Do mesmo modo, falar de um jovem abstrato não localiza historicamente, qual é esse jovem, que convive, pelo menos parcialmente, com pessoas de idade mais avançada em cursos escolares destinados àqueles que não puderam seguir o caminho da escolaridade regular, e que constitui objeto da área denominada “educação de pessoas jovens e adultas”. (RIBEIRO, 2005, p. 19).

A escola de EJA, principalmente a privada, deve ser analisada com cuidado. Reconhecemos que muitos são os fatores que atraem os jovens para ela, principalmente no que diz respeito à agilidade e a rapidez na conclusão dos cursos no convívio mais direto com a diferença na flexibilidade de seus honorários e currículos. Na liberdade um pouco maior no que diz respeito à postura e a fala do aluno e do professor em sala de aula. (BRUNEL, 2004, p. 34).

É importante salientar que muitos alunos da EJA, não tiveram problemas na escola nos primeiros anos, ou se tiverem não estavam relacionados os fatores cognitivos. Muitos deles reprovaram quando chegaram na adolescência, pois a escola já não era tão interessante como antes os professores já não satisfazem seus anseios e o pátio, a rua, os amigos, os namorados começaram a ocupar o lugar que a escola antes tinham no cotidiano deles.

Segundo Melucci apud Brunel (2004), considerando a perspectiva temporal do jovem e do adolescente, o momento atual tornou-se menos previsível, tudo dependerá da escola de

cada um. Nas sociedades do passado, a incerteza em relação ao futuro em geral, era resultante de eventos aleatórios e incontroláveis. Atualmente, a juventude convive com a incerteza, com medos e com uma certa descrença no futuro.

Neste sentido é que se pode dizer, o problema da educação de jovens e adultos remete, primordialmente, a uma questão de especificação cultural. É necessário historicizar o objeto da reflexão pois, ao contrário, se falarmos de um personagem abstrato, podemos incluir, involuntariamente, julgamento de valor na descrição do jovem e do adulto em questão: se ele não corresponde à abstração utilizada como referência, ele é contraposto a ela e compreendido a partir dela, e definido, portanto pelo que ele não é. O primeiro traço cultural relevante para esses jovens e adultos, especialmente porque nos movemos, aqui, no contexto da escolarização, é sua condição de excluídos da escola regular. (RIBEIRO, 2005, p.19).

O aluno em qualquer modalidade de ensino, nem sempre vai à escola somente para cumprir uma obrigação ou à procura de um diploma. Não podemos esquecer que os professores também sofrem com as más condições da maioria das escolas públicas, com os baixos salários, tanto da rede pública, quanto da rede privada, com turmas lotadas, com a falta de apoio pedagógico e, muitas vezes, com carga horária excessiva. Todos esses fatores devem ser considerados no processo escolar (BRUNEL, 2004, p. 33).

## 3 - METODOLOGIA

Essa etapa tratará os seguintes aspectos: quanto à natureza, classificação, área de atuação, definição das variáveis e coleta dos dados, elaboração dos dados, discussão e interpretação, considerações finais, os resultados esperados e finalmente as limitações da pesquisa.

### 3.1 Classificação da Pesquisa e Natureza da Pesquisa

De acordo com Vergara (1997), as pesquisas podem ser classificadas quanto aos fins (exploratória, descritiva, explicativa, metodologia, aplicada e intervencionista). Essa pesquisa tem fins, descritivo, na medida em que retrata o perfil dos discentes da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. “Alfredo Pessoa de Lima”.

Quanto aos meios, Lima (2002) coloca que se deve conhecer pelo menos quatro gêneros de pesquisa, intercomunicados:

- Pesquisa teórica, quando se procura formular quadros de referência, estudar teorias, burilar conceitos.
- Pesquisa metodológica, dedicada a indagar por instrumentos, por caminhos, por modos de se fazer ciência, ou produzir técnicas de tratamento da realidade, ou discutir abordagens teórico-práticas.
- Pesquisa empírica, na medida em que se codifica a face mensurável da realidade social.
- Pesquisas práticas, que entevem na realidade social, denominadas pesquisa participante, avaliação quantitativa, pesquisa ação.

Esta pesquisa é prática, na medida em que retrata o perfil dos discentes da Escola Dr. “Alfredo Pessoa de Lima”.

Os métodos científicos são classificados quanto ao nível de abstração, de acordo com Lakatos e Marconi (1995), em dois tipos:

- Métodos de abordagem: caracterizam-se por uma abordagem mais ampla, em nível de abstração mais elevado, dos fenômenos da natureza e da sociedade. Subdividem-se em indutivo, dedutivo, hipotético-dedutivo e dialético.
- Método de procedimento: correspondente às etapas mais concretas da investigação, com finalidades mais restritas em termos de explicação geral dos fenômenos e menos abstratos. São métodos de procedimentos: histórico, comparativo, monográfico ou de estudo de caso, estatístico, tipológico, funcionalista e estruturalista.

Em primeiro lugar, esta monografia tem um método de procedimento estudo de caso. Quanto a natureza dessa monografia, tem uma concepção qualitativa.

### **3.2 Área de Atuação e Estratégia da Pesquisa**

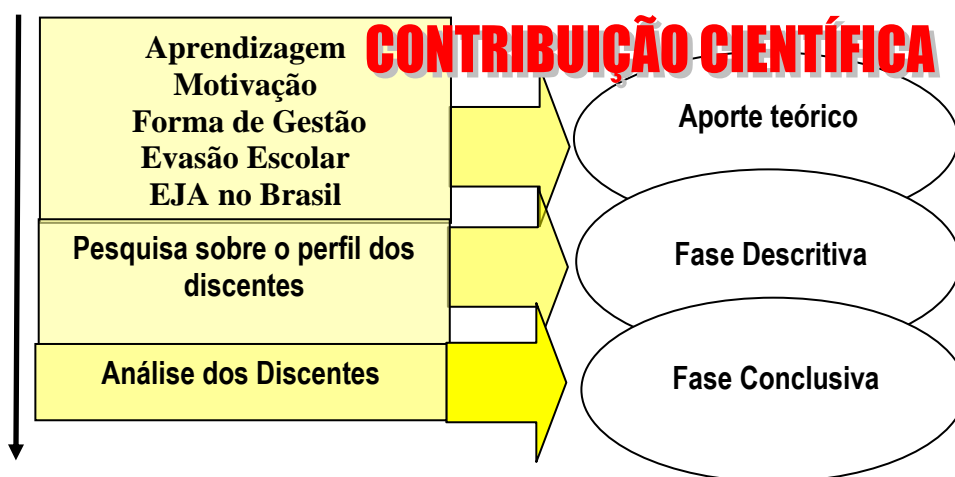
A área de atuação desse trabalho é a Escola Estadual Dr. “Alfredo Pessoa de Lima”. E o instrumento utilizado nesta pesquisa para coleta de dados foi o questionário sendo composto de perguntas abertas e fechadas, para os alunos a partir de 18 anos de idade.

Para aplicação dos questionários os alunos foram escolhidos aleatoriamente sendo: Uma turma do 1º ano, uma turma do 2º e uma turma do 3º. Todas do ensino médio no turno noite. E aplicou-se o questionário em cada turma coletivamente isso porque ele é um instrumento que permite obter informações de um grande número de alunos ao mesmo tempo e foi realizado no horário escolar, não foi requisitado que os alunos se identificassem. Foram aplicados a 20 (vinte) alunos de cada turma.



A coleta ocorreu entre agosto e setembro de 2006. A partir do roteiro de informações aplicados a 60 (sessenta) alunos desta escola e a partir dos respectivos dados e informações procedemos a fichamento, elaboração, apresentação e interpretação dos dados, apresentação dos resultados e conclusão.

**Diagrama 1:** Estratégia do trabalho



**Fonte:** Elaborado pela autora.

### 3.3 Definição dos parâmetros trabalhados

1. Interrupção dos estudos: É a ruptura dos estudos e foram observadas suas causas.
2. Aspirações acadêmicas: São os anseios e as expectativas desses alunos com relação aos seus estudos.
3. Sobre a aprendizagem: Observação da transmissão do conhecimento.
4. Por que o discente estuda a noite: Foi analisado o porquê desses alunos estarem no turno da noite, sendo apresentadas algumas justificativas.
5. Gênero/faixa etária/quantidade de filhos: Dados individuais e familiares.
6. Percepção do professor: Visão dos discentes para com o professor.

7. Gosto pelo estudo: Interesses e anseios dos alunos com relação aos seus estudos.
8. Incentivos dos pais: Desempenho e expectativas dos pais diante da educação dos seus filhos.
9. Satisfação com a gestão: Visão dos alunos diante das ações da gestão democrática.

### **3.4 Elaboração, Análise e Interpretação dos Dados**

Esta monografia trabalha no plano operacional da Escola Estadual Dr. “Alfredo pessoa de Lima”. Maximiliano (2002) coloca que o plano operacional está na esfera menos elevada, no sentido de ser a execução dos planejamentos, (planejamento estratégico, tático e operacional em ordem de aplicação).

### **3.5 Resultados Esperados**

Espera-se que o leitor ao concluir a leitura dessa monografia, perceba que a experiência escolar dos jovens pesquisados parece esclarecer aquilo que é comum a maioria das práticas vividas nas escolas sendo que muitos alunos vão para a escola, mas não se envolvem com as atividades escolares.

Por outro lado, encontramos jovens que, apesar das dificuldades, sonham em prosseguir os estudos fazendo um curso superior. Outros pretendem prestar concursos ou investir em cursos profissionalizantes. Com diferentes graus de aproximação ou distanciamento do universo escolar, a escola ainda é um espaço significativo e valorizado para alguns jovens estudantes.

### 3.6 Limitações da Pesquisa

Nessa monografia há uma preocupação em apresentar e comparar os resultados obtidos com os discentes na Escola Estadual “Dr. Alfredo Pessoa de Lima”

Fica a reflexão, porque este estudo foi feito apenas em uma escola, que é tida como modelo. O estudo poderia ter sido aprofundado também em outras escolas, com objetivo de apresentar resultados mais amplos do modelo educacional nas escolas públicas.

O motivo do recorte (ter sido em apenas uma escola) foi devido o tempo disponível, entretanto o trabalho não fica comprometido.

### 3.7 Estrutura desta Monografia

Essa monografia foi dividida em quatro capítulos. Além desse **capítulo introdutório** que trata de toda organização da monografia, apresentando os elementos: definição temática, justificativa, objetivos, metodologia e estrutura deste trabalho. Na seqüência se apresenta mais três capítulos, que abordam aspectos relacionados ao objeto do estudo que se deseja investigar, a saber:

O **capítulo dois** é o suporte teórico deste trabalho e aborda as dificuldades existentes quanto a aprendizagem, motivação, forma de gestão, evasão escolar e EJA no Brasil.

O **capítulo três** mostra a realidade existente na escola estadual Dr. “Alfredo Pessoa de Lima”, diante de um estudo específico na área de atuação.

O **capítulo quatro** conclui essa monografia, tecendo comentários sobre a educação brasileira e retratando o perfil dos discentes na escola estadual Dr. “Alfredo Pessoa de Lima”.

## 4 – A ESCOLA DR. ALFREDO PESSOA DE LIMA

*“Que a escola seja um espaço de encontros e de vidas  
Que o prazer de aprender seja o mesmo prazer de ensinar  
Que a escola reacenda a chama do amor sem medida  
Na esperança de um mundo melhor, advento de paz”  
(Oração da Escola). .*

### 4.1 A Escola Dr. Alfredo Pessoa de Lima

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Dr. Alfredo Pessoa de Lima”, foi criada pelo decreto de lei nº 5147 de 07 de Novembro de 1970, com o nome de Colégio Estadual de Solânea no governo de João Agripino Filho e publicado no Diário Oficial de 25 de Fevereiro de 1971. O seu primeiro diretor foi Raimundo de Oliveira e o vice-diretor Luiz Geriz de Oliveira. Seus professores fundadores foram:

**QUADRO 1:** Professores fundadores

<b>Português</b>	Lindalva Raimundo de Oliveira M <sup>a</sup> do Socorro Geriz Dantas Anedite Almeida de Frutas
<b>Matemática</b>	Maria do Socorro Ribeiro Djalma Ferreira Grilo
<b>Desenho</b>	Yendys Sidney Dantas
<b>História</b>	Maria de Lurdes Donato Maria Norma de Vasconcelos
<b>Geografia</b>	Valmir Silva
<b>OSPB</b>	Maria de Lurdes Donato
<b>Ed Moral e Cívica</b>	Luiz Geriz de Oliveira
<b>Inglês</b>	Antonice Santos Barbosa
<b>Música</b>	José Carlos Amaral
<b>Educação Física</b>	José Anísio de Miranda Maia Maria da Conceição Medeiros Josefa Francisca da Silva
<b>Ciências</b>	José Ibiapina Alves de Macedo

A secretaria da escola era constituída: 04 secretários, 04 auxiliares de serviços gerais. A escola iniciou seu processo educacional no ano letivo de 1971, com o curso Ginásial, atendendo a 301 alunos, com a seguinte distribuição:

1º série – 90 alunos.

2º série – 85 alunos.

3º série – 78 alunos.

4º série – 48 alunos.

A sua denominação para a Escola Estadual “Dr. Alfredo Pessoa de Lima” ocorreu em homenagem ao advogado Dr. Alfredo Pessoa de Lima, um dos defensores da emancipação política do Município de Solânea em 26 de Novembro de 1956. Na época era diretora da escola a Professora Maria Zenilda do Amaral Nóbrega e as Vice-diretoras as professoras Anedite de Freitas e Maria do Socorro Ferreira Frazão.

Com a necessidade de expansão dos rumos pela educação dos jovens solanenses a escola passou a oferecer o curso científico em 1976.

No quadro docente, passaram pela escola “Dr. Alfredo Pessoa de Lima”, 102 educadores de alta relevância cultural dando do seu íntimo, condições aos jovens da época de se tornarem cidadãos conscientes no desenvolvimento de sua cidade. Neste mesmo período contamos com 28 funcionários de apoio aos serviços gerais em prol das atividades educacionais.

Houve troca dos gestores da escola, durante os 36 anos trabalhados pela educação dos jovens solanenses e das cidades circunvizinhas.

O município sentiu a necessidade de uma melhoria no processo educacional, com uma insatisfação generalizada com os rumos da educação, em especial com a escola pública. Solânea está sitiada por centros de educação de nível de 3º grau (Universidade de Guarabira, Bananeiras, Areia, Campina Grande e João Pessoa).

O Governador do Estado Dr. José Targino Maranhão, sensibilizado com a questão da melhoria dos serviços educacionais e executor do projeto CEPES, colocou no município esse Projeto Inovador. E a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Dr. Alfredo Pessoa de Lima”, passou a ser no cenário escolar, um lugar onde se transmite um saber inovador de maneira a articular, potencializar e dar funcionalidade aos diferentes insumos de nossa sociedade.

Isto através do pacto de solidariedade por uma educação de qualidade. E passou a fazer parte dos Centros Paraibanos de Educação Solidária CEPES, com a denominação de CEPES SA-1, em 02 de Outubro de 1997. Tendo como objetivo primordial, oferecer à comunidade uma educação voltada para os valores da cidadania e para os direitos inalienáveis da criança e do adolescente.

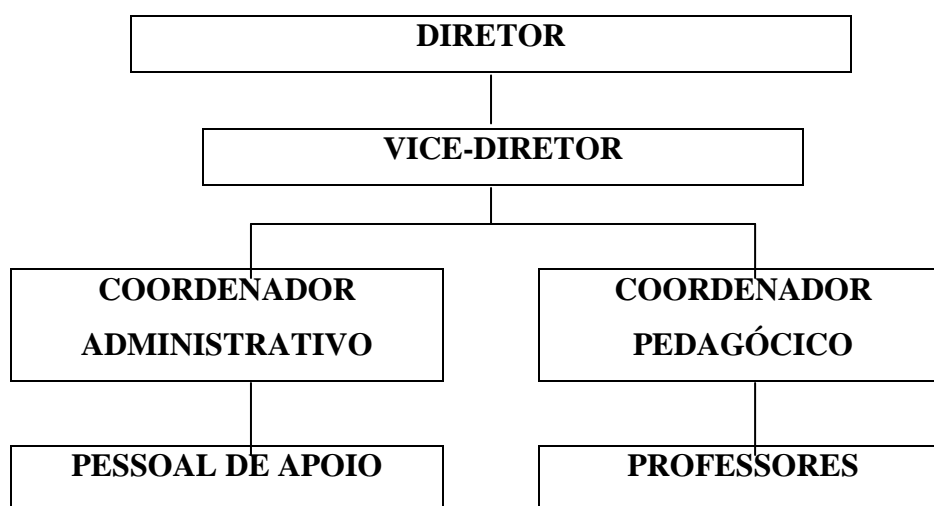
A escola hoje funciona de forma que os professores são submetidos a um regime de quarenta horas semanais de trabalho em dois turnos diários. Eles têm um encargo de no máximo vinte horas – aulas semanais e o restante do tempo, dedicam-se ao preparo de suas atividades de ensino em grupo de alunos. O salário dos professores desta escola é quase o dobro dos salários de outros professores de outras escolas estaduais.

A escola em 2001 ganhou um novo endereço passando a funcionar à rua Luiz Ferreira de Melo, S/N com nova estrutura sendo: 11 salas de aulas amplas e ventiladas, 01 cozinha, 05 banheiros, 01 biblioteca que atende satisfatoriamente aos alunos, 01 laboratório, 01 quadra de jogos conta também com kit tecnológico: Tv, vídeo, DVD, 02 retro-projetores e 01 computador.

Esta unidade escolar funciona com 626 alunos do fundamental de 5ª à 8ª séries e 553 alunos do ensino médio com uma média de 1.179 alunos matriculados no ano de 2006 e distribuídos para os três turnos.

A estrutura administrativo-pedagógica da escola atual conta com: 01 coordenador administrativo, 01 coordenador pedagógico, 01 diretor, 02 vice-diretores, 60 professores, 01 secretária e os demais são pessoais de apoio, segundo organograma a seguir:

**QUADRO 2:** Estrutura Administrativa - Pedagógica



A escola participa de campeonatos, gincanas desde 1995. Vem participando anualmente da feira de ciências recebendo troféus pelo sucesso que tem apresentado nestes eventos. Em 2001 na VII FECAPEL um dos temas trabalhados na Feira de Ciências foi “Refletindo e Agindo na Educação” em que foi apresentado com grande sucesso o projeto os dinossauros, comandado pela prof<sup>a</sup> Marize F. S. Oliveira, que deu ênfase ao resgate da nossa história na era Mesozóica.

Nesta escola é oferecida merenda para os alunos do turno matutino e vespertino, recebendo alunos da zona urbana e rural.

A escola tem sua proposta pedagógica que visa dar suporte às novas realidades e vivência didático-pedagógicas.

## ***4.2 Sobre os Discentes da Escola***

Para entender os jovens que são atores desse estudo é necessário observarmos suas inquietações e anseios, porque na maioria quando chegam à Escola Dr Alfredo P de Lima, estão desmotivados, desencantados com o histórico de repetência e evasão.

Muitos deles sentem-se perdidos no contexto atual, principalmente em relação ao emprego e a importância do estudo para a sua vida e inserção no mercado de trabalho.

Segundo depoimentos de recém-egressos do ensino regular, muitos discentes pararam de estudar, por motivo de casamento, viagem e não tiveram incentivos dos pais para continuar a vida acadêmica e uma parcela também por não terem interesse ao estudo. Porém tivemos relatos de alunos que sonham e pretendem ingressar na universidade.

Desta forma, a citada escola trabalha alguns discentes com históricos de “fracasso escolar”, que buscam a escola tardiamente. Assim, a heterogeneidade é fato presente na sala de aula e esse fato aumenta a responsabilidade dos professores em modificar suas concepções no processo ensino-aprendizagem. “Para que um grande número de pessoas com diferentes capacidades e interesse, oriundos dos meios socioculturais e familiares diferentes, possam aprender”. (PEALE, 1967).

Que razões sustentam a reprodução do modelo obsoleto de escola que gera insucesso, exclusão, abandono? A expressão “insucesso escolar” não seria um paradoxo quando nos confrontamos com o fato de a maioria dos alunos não completar com sucesso a educação básica, não será preciso ultrapassar a atribuição de culpas do sistema? Como explicar o fato de algumas referências teóricas contarem mais de um século e manterem-se dramaticamente atuais apesar do contra o desenvolvimento da educação?

A escola em questão tenta mudar a visão antiga do ensino, entretanto, as condições oferecidas de capacitação, recursos didático-pedagógicos e visão gerencial, ainda não



permitem mudanças radicais. Até quando insistiremos teimosamente em equívocos, naturalizações e idéias feitas? Para refundamos a educação não teremos que repensar a escola?

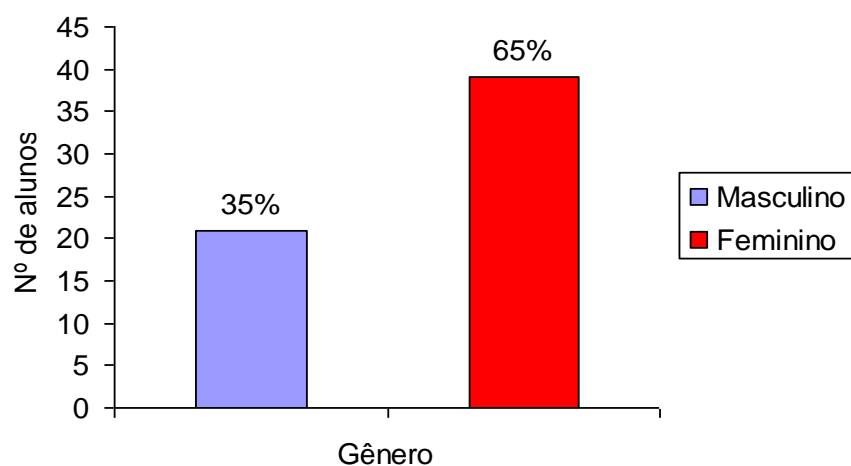
Diferenças individuais e diferenças culturais fundem-se em um mesmo fenômeno de geração de heterogeneidade, a partir do envolvimento de indivíduos em diferentes atividades ao longo do seu desenvolvimento psicológico. Pessoas de diferentes membros do mesmo grupo, cultural ou não, pensarão sobre partes idênticas do ambiente de formas diversas; e a mesma pessoa pode pensar de maneiras diferentes, usando diferentes métodos estratégias e instrumentos conforme a atividade em que esteja envolvida. (TULVISTE, 2002, p. 58).

Nesse sentido, Charlot (2000, p. 16), nos alerta que o “fracasso escolar não é um monstro escondido no fundo das escolas e que se joga sobre as crianças mais frágeis, um monstro que a pesquisa deveria desembocar, domesticar, abater. O fracasso escolar não existe; o que existe são alunos em situação de fracasso, histórias escolares que terminam mal”.

Outro aspecto importante que contribui para o fracasso escolar na escola estudada é o mal do envolvimento de alguns jovens com as drogas. O papel do professor neste contexto não é fácil, pois este é um problema de ordem mundial, assunto que deixa tanto os professores quanto os pais extremamente angustiados.

### 4.3 Perfil dos discentes

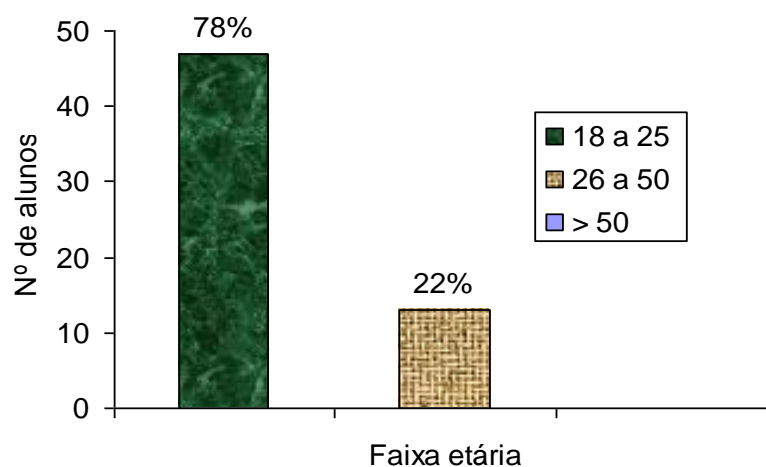
**GRÁFICO 1:** Gênero dos alunos entrevistados



**Fonte:** Dados da pesquisa

De acordo com os resultados evidenciados no gráfico 1, podemos observar que 65% dos alunos são do sexo feminino, em relação a 35% do sexo masculino. Através desse índice relevante podemos supor que as mulheres têm mais interesse pelos estudos que os homens, ou estes não possam estudar.

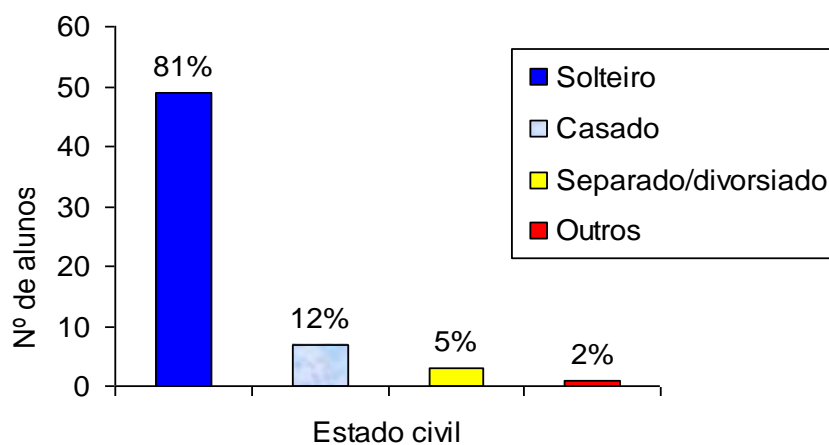
Um dos prováveis motivos seria que, ainda a sociedade em que está inserida a escola, seja tipo patriarcal, assim os homens dariam mais importância ao trabalho do que a educação, e para eles o trabalhar continua sendo o caminho a trilhar.

**GRÁFICO 2:** Faixa-etária dos alunos entrevistados

**Fonte: Dados da Pesquisa**

No gráfico 2, os resultados evidenciam que 78% dos alunos pertence à faixa etária que varia de 18 a 25 anos e 22% na faixa etária de 26 a 50 anos e cursam as séries de 1ª, 2ª e 3ª. Conclui-se que a maioria desses alunos ingressou na escola tardiamente.

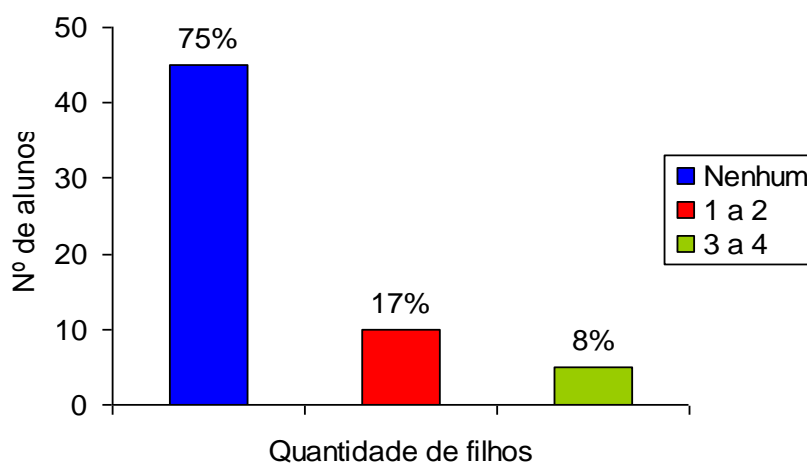
Quando se analisou a trajetória escolar, foi observado que os motivos do atraso seriam fatores sociais na ausência da educação familiar, o fator econômico da necessidade de realizar um trabalho e a falta de motivação pessoal.

**GRÁFICO 3:** Estado Civil

**Fonte: Dados da pesquisa**

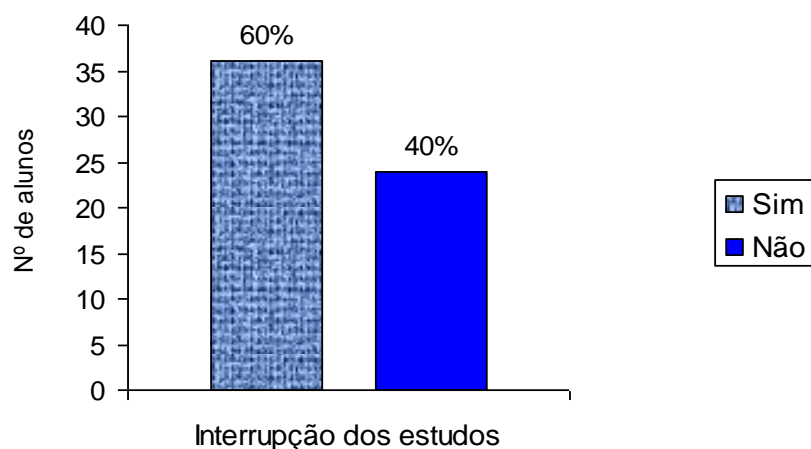
Pelos resultados do gráfico 3, vimos que 81% dos alunos são solteiros, 12%, casados, 5% separados, 2% não responderam. Observamos que a maioria destes alunos estão tentando concluir seus estudos, mas alegaram que nem sempre é fácil conciliar casamento e estudo.

**GRÁFICO 4:** Quantidade de filhos



**Fonte: Dados da Pesquisa**

Ao analisar o gráfico 4, verificamos que 75% dos alunos não têm filhos. Esse fato deveria contribuir para haver um maior empenho dos discentes em sua trajetória escolar, entretanto não há essa ligação. Quanto aos que tem filhos, disseram que os mesmos não atrapalham nos estudos e que a paternidade e a maternidade, na prática, aumentou a responsabilidade, se buscando um futuro melhor aos seus filhos.

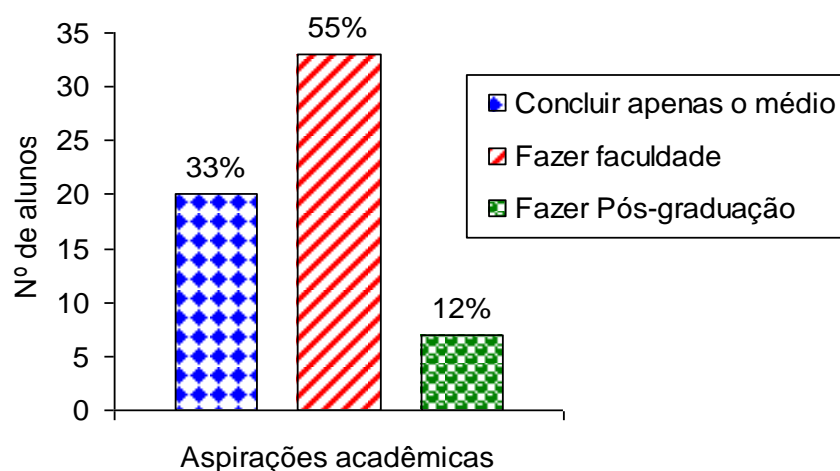
**GRÁFICO 5:** Interrupção dos estudos

**Fonte: Dados da pesquisa**

Os resultados demonstrados no gráfico 5, evidência que 60% dos alunos tiveram que interromper seus estudos, aumentando então o índice de evasão escolar.

Na entrevista esses jovens disseram que preferem o trabalho aos estudos, tratando-se de um valor negativo atribuído diretamente a educação. O fato percebido é que os alunos não estão sabendo conciliar trabalho e estudo, havendo então confrontos entre os estudos e a dimensão da vida que o trabalho pode realizar.

Como consequência, se explica a defasagem entre idade / série. Ao olhar para os sujeitos da pesquisa, constatamos que a maioria viveu uma trajetória escolar atribulada, embora tenha maior escolarização em relação a seus pais. Eles viveram uma trajetória incerta coberta de dificuldades, feitas de idas e vindas na escola.

**GRÁFICO 6:** Aspirações acadêmicas

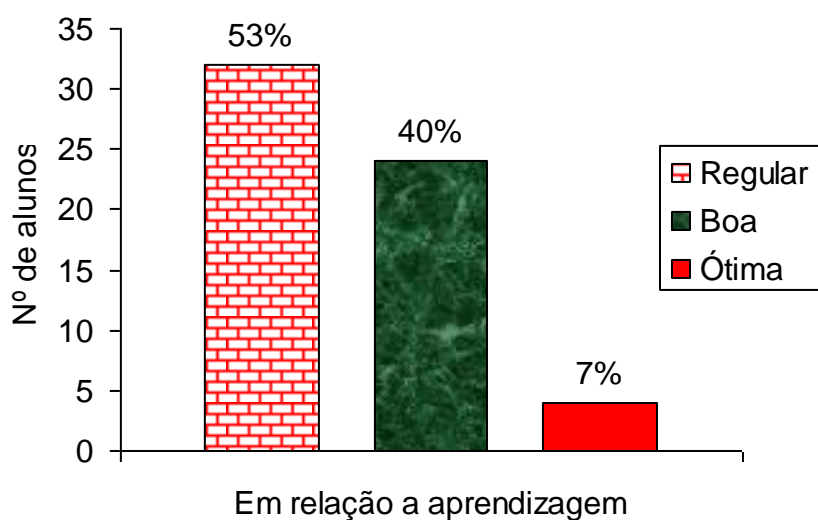
**Fonte: Dados da pesquisa**

De acordo com os resultados obtidos no gráfico 6, podemos analisar que felizmente existem alguns índices esperançosos de alunos, que querem dar continuidade em seus estudos e sonham com uma graduação.

Apenas 33% não querem ou não podem continuar. Parte relatou que devido a falta de condições financeiras, não iriam tentar o ingresso no curso superior e parte simplesmente preferem parar quando concluírem o ensino médio.

Foi possível perceber que os alunos que também eram trabalhadores sabiam que atualmente as empresas solicitavam funcionários mais qualificados, com formação mais ampla.

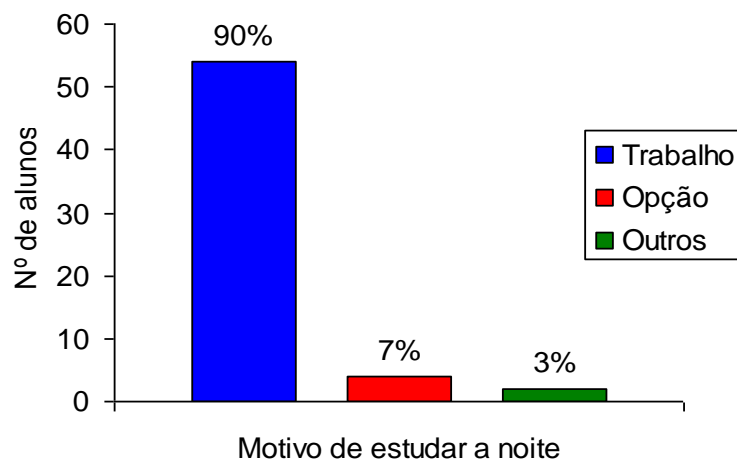
Estes acreditam que o diploma universitário pode modificar suas vidas. Todavia, pesquisas sobre o sistema escolar revelam, que a maioria, dos alunos concluintes de ensino médio não prosseguem os estudos por falta de vagas na rede pública, ou de recursos financeiros para pagar uma instituição de ensino privado.

**GRÁFICO 7:** Aprendizagem

**Fonte: Dados da pesquisa**

No gráfico 7, observamos que 53% dos alunos considera sua aprendizagem regular. É importante observar, com relação à aprendizagem que ela ocorre de forma diversificada a esses alunos, sendo que 40% considera boa e 7% ótima.

Convém salientar que aprendizagem não é apenas um processo de aquisição de conhecimentos, conteúdos ou informações. As informações são importantes, mas precisam passar por um processamento muito complexo, a fim de se tornarem significativas para a vida das pessoas.

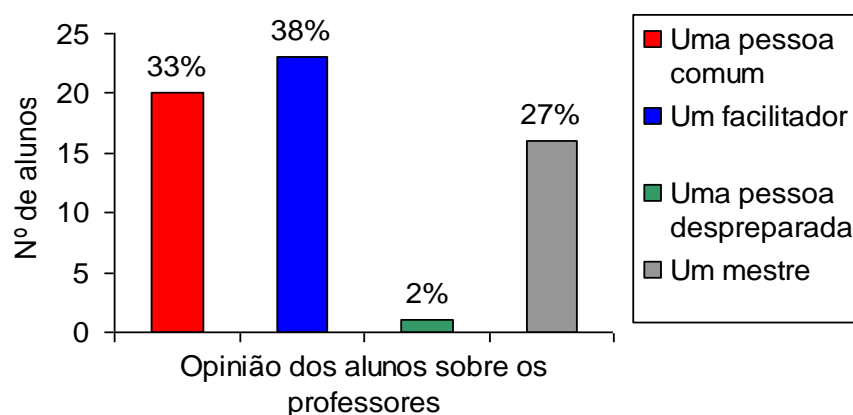
**GRÁFICO 8:** Motivo do Discente estudar a noite

**Fonte: Dados de pesquisa**

Diante das respostas obtidas no gráfico 8, observamos que 90% dos alunos estudam à noite porque trabalham. Ao serem questionados acerca do valor do trabalho em suas vidas, os alunos apresentam avaliações ambíguas, ainda que muitas vezes deixem transparecer que o exercício de suas ocupações gera oportunidades de conhecer pessoas, ao salário para garantir a sobrevivência e, principalmente, o sustento familiar.

Deixam transparecer que o trabalho se torna positivo à medida que abre novas possibilidades de conhecimento, transferindo aprendizagens desenvolvidas na escola para o local de trabalho e do mesmo para a escola.



**GRÁFICO 9:** Percepção sobre o professor

**Fonte: Dados da pesquisa**

Os resultados do gráfico 9, mostra que 98% dos alunos entrevistados responderam positivamente em relação sobre suas percepções do professor.

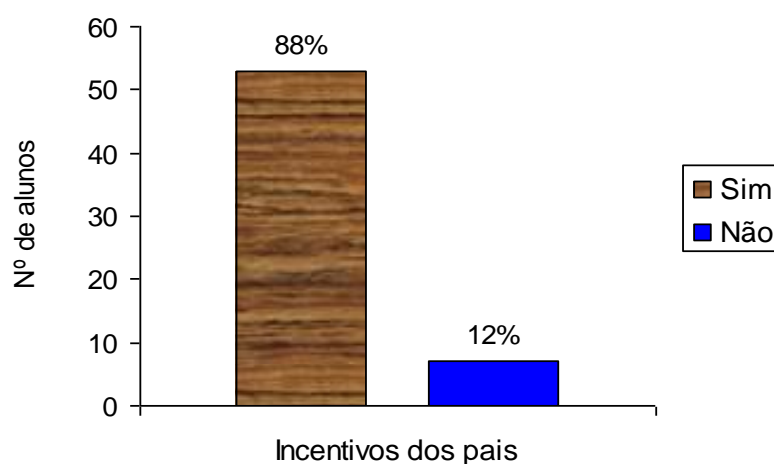
Na verdade, trabalhar com alunos EJA exige do professor um perfil flexível. Ele deve estar atento às dificuldades de cada um, precisa manter um diálogo constante para facilitar a organização e o bom entendimento entre todos na sala de aula, já que a maioria desses jovens possui um histórico anterior de indisciplina no ambiente escolar.

**GRÁFICO 10:** Motivação

**Fonte: Dados da pesquisa**

Como podemos observar no gráfico 10, 90% dos alunos, afirmam que gostam de estudar. São dados relevantes e esperançosos para a educação. Porque a partir do interesse, da motivação do aluno e que poderemos contar com resultados positivos para o processo educacional. Apenas 10% disseram não gostar de estudar, o que torna mais difícil a trajetória escolar desses discentes e sua a permanência na escola.

**GRÁFICO 11:** Incentivos dos pais



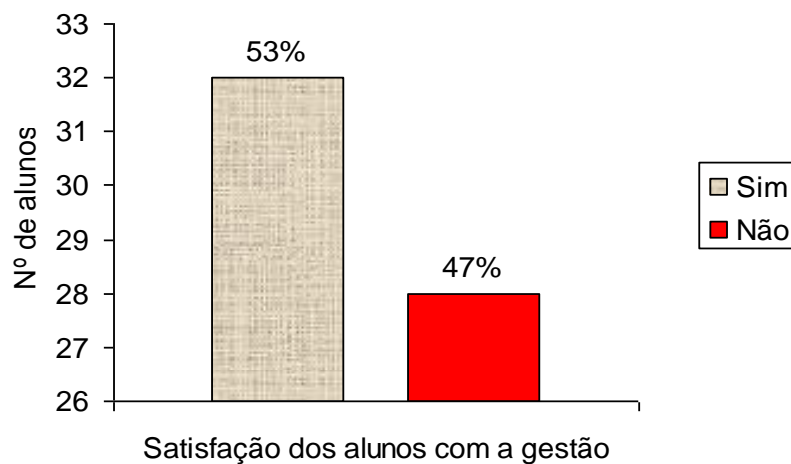
**Fonte: Dados da pesquisa**

No gráfico 11, observamos que 88% dos alunos afirmam ter incentivo dos pais para estudar.

Apesar de todos atribuírem importância a participação da família, observamos que existem restrições quanto sua participação, como:

- 1) Os pais acham que não são capazes de terem idéias que possam contribuir no processo de ensino aprendizagem
- 2) Há casos de desinteresse gratuito dos pais com a vida escolar de seus filhos.

A maioria desses jovens já vem de uma história familiar de escolarização incompleta ou bastante precária. Tendo como consequência a resistência à escola e o baixo valor atribuído à educação.

**GRÁFICO 12:** Satisfação com a Gestão

**Fonte: Dados da pesquisa**

A partir da análise dos resultados demonstrados no gráfico 12, observa-se que 53% dos alunos estão satisfeitos com a forma de gestão, atendendo então as suas expectativas. 47% asseguram que o modelo da gestão praticado na escola não atende as suas expectativas. Nessa direção fica evidenciado que os alunos estão divididos com relação a gestão democrática daquela escola.

## 5 – CONCLUSÕES

O principal objetivo desse trabalho foi mapear o perfil dos alunos jovens e adultos da escola Estadual Dr. Alfredo Pessoa de Lima, o que foi atendido, principalmente na seção anterior.

A conseqüência direta da pesquisa foi mostrar que a qualidade do ensino passa, sobretudo pela gestão e pela motivação dos docentes e discentes, a fim de alcançar eficácia, melhorando o sucesso escolar e o nível de aprendizagem.

A análise dos resultados obtidos apontou para uma reflexão sobre a percepção do perfil dos discentes no ensino médio na escola Estadual Dr. Alfredo Pessoa de Lima na cidade de Solânea - PB, onde os alunos pesquisados conhecem as enormes dificuldades na luta pela sobrevivência.

Na verdade, eles apontam sérios obstáculos na conciliação escola X trabalho e expressam que devido a sua origem de classe não podem sonhar muito alto. Mesmo assim para alguns, o grande desafio buscado é obter um diploma universitário como pressuposto para melhoria da qualidade de vida.

Ao mesmo tempo, manifestam a percepção de que atualmente o diploma de ensino médio tem pouca ou quase nenhuma validade.

Podemos sugerir que, nós professores, atuemos na escola com competência, para que o ensino realmente se faça e que a aprendizagem se realize, para que as convicções se construam no diálogo e no respeito e as práticas se efetivem coletivamente no companheirismo e na solidariedade.

O aspecto essencial dessa proposição é que coloca no diálogo e na responsabilidade para aprender a mudança de rumo que significa passar da centralidade na aprendizagem

individual à colaboração entre os que aprendem (e também entre os professores) na construção do conhecimento.

Por esse enfoque, aprender implica, sobretudo a colaboração entre os alunos em atividades que supõe investigação do conhecimento e do processo reflexivo que o acompanha.

Queremos destacar aqui o comprometimento das pessoas que representam a escola com educação pública gratuita. Os esforços para cada vez mais melhorar a qualidade do ensino de forma incondicional na perspectiva de um fortalecimento do processo educativo para todos.

A educação está sendo usada e moldada desde a antiguidade sendo então preciso que haja interesse para mantermos em equilíbrio em sua estrutura.

Por tudo isso, Freire (1996, p. 73) alega que “parece uma enorme contradição que uma progressista, que não teme a novidade, que se sente mal com as injustiças, que se ofende com as discriminações que se bate pela decência, que luta contra a impunidade, que recusa o fatalismo cínico e imobilizante, não seja criticamente esperançoso”..

Portanto, é preciso que a Escola Dr. Alfredo Pessoa de Lima defina um projeto macro, que garanta mais qualidade na educação, construindo propostas pedagógicas que possibilitem a concretização dos novos paradigmas educacionais.

Percebe-se que estes jovens alunos da citada escola, quando chegam à unidade de ensino, em geral, estão desgastados, desmotivados, com históricos de repetência de um, dois, três anos ou mais, necessitando que o professor lhe ajude a recuperar a auto-estima na sala de aula e, muitas vezes, na sua vida particular. Sendo que 60% dos alunos entrevistados disseram que já interromperam os estudos e 55% sonham com uma graduação, e os demais querem parar ao concluir o ensino médio.

O papel do professor em todo esse processo é complexo, pois muitos jovens se sentem perdidos diante da realidade atual no que se refere ao saber, em relação ao emprego e a importância do estudo para a sua vida e para a inserção no mercado de trabalho.

## 6 – REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMMANN, Paul. **As teorias e a prática da formação profissional**. Brasília, MTB / SMO, 1987.

ARAÚJO, Carlos Henrique. Em busca da qualidade na educação. **Revista Nova Escola**, 2006.

BARALDI, I. M. **Matemática na escola: que ciência é esta?** Bauru: Cadernos de Divulgação Cultural nº 66, UDESC, 1999.

BERGAMINI, Cecília Whitaker. **Motivação** 3ª edição, São Paulo: Atlas, 1990.

\_\_\_\_\_. **Motivação nas organizações**. 4ª edição. São Paulo: Atlas, 1997.

BIGGE, Morris. **Teorias da aprendizagem para professores**. Tradução: José Augusto da Silva Pontes Neto [e] Marcos Antônio Rolfini. São Paulo, EPU edição da Universidade de São Paulo, 1997.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A escola popular na escola cidadã**. Petrópolis (RJ) Vozes, 2002.

BRASIL, MEC. **Plano decenal de educação para todos – 2000**

BRUNEL, Carmen. **Jovens cada vez mais jovens na educação de jovens e adultos** / Carmen Brunel. \_ Porto Alegre: Mediação, 2004.

CHARLOT. Bernard. **A mistificação pedagógica**. Rio de Janeiro, Zahar, 2000.

CHAUÍ, M. **A ideologia**. Fundamentos históricos e filosóficos da educação, João Pessoa-PB, 2001.

CHIAVENATO, Idalberto, 1963. Gerenciando pessoas: **O passo decisivo para a administração participativa** / Idalberto Chiavenato. São Paulo: Makron Books, 1994.

COMENIUS, João Amós. Didática Magna: **Tratado da arte universal de ensinar tudo a todos**, Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1984.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes professores fascinantes**. Rio de Janeiro: sextante, 2003.

DORNELES, Beatriz Vargas. A educação para o século XXI: Questões e perspectivas. **Revista. Pedagógica Pátio**. Ano IX, n fev/abr. 2005.

DORNELES, Beatriz Vargas. Reflexões construtivismo. **Revista. Pedagógica Pátio**. Ano IX, n 35, ago/out, 2005a.

FONTOURA, Amaral. **Psicologia Educacional**, Editora Aurora, Rio de Janeiro, 1961.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa, Paulo Freire. \_ São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. O Mentor da Educação para a Consciência. **Revista. Nova Escola**. 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Metodologia do ensino superior**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2005.

HERNÁNDEZ, Fernando. O dialogo como mediador da aprendizagem e da construção do sujeito na sala de aula. **Revista. Pedagógica Pátio**. Ano VI, n 22, jul/ago, 2002.

HOFFMANN, Jussara. **Pontos e contrapontos do pensar ao agir em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/jovens01> . html. acessado em 04/11/2006.

INÊS, Barbosa de Oliveira. Práticas curriculares emancipatórias no cotidiano escolar. **Revista pedagógica Pátio**. Porto Alegre: Artmed. Fev/ Abril. 2006.

IOSCHPE, Gustavo. Por uma lei de responsabilidade educacional. **Revista pedagógica Pátio**. Porto Alegre: Artmed. Ano IX, n. 34, Mai / Jun. 2005.



KRECK, David, 1909. **Elementos de psicologia** / por David Kreck e Richard S. Crutchfield; Tradução de Dante Moreira Leite e Mirian L. Moreira Leite. 4ª ed. São Paulo: Pioneira; Brasília, INL, 1973.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

LIBÂNIO, José Carlos. **Organização e gestão da escola**: Teoria e prática. Goiânia: Editora do autor, 2000.

LIMA, Marcio Botelho da Fonseca. *Groupware*, uso das tecnologias da informação e organização do trabalho: **Contribuições à economia da inovação**. Tese Apresentada no Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção na UFSC. Florianópolis. 2002.

LOPES, Tomas Vilanova Monteiro, 1915. **Motivação no trabalho**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1980.

MARCHESI, Álvaro. Avaliação novos desafios. **Revista pedagógica Pátio**. Ano IX, n. 34 Porto Alegre: Artmed. mai / jul, 2005.

MAXIMILIANO, Antonio Cesar Amarau. **Introdução à administração**. 5 ed. São Paulo. Atlas. 2002.

MEDINICK, Samoff. **A aprendizagem**, Zahar editores, Rio de Janeiro, 1969.

MELO, Guiomar Namor. Sucesso na aprendizagem fortalece o aluno para a vida. **Revista Nova escola**. Abril.2005

MENEZES, Luis Carlos. “Para os professores nada? Tudo!”, **Revista Nova Escola**. Outubro. 2006.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. (org.). **Gestão Democrática da Educação**: Desafios Contemporâneos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. Práticas curriculares emancipatória no cotidiano escolar. **Revista pedagógica Pátio**. Artmed editora. SA. Porto Alegre. Fev / Abr. 2006.

PARO, V. H. **A utopia da gestão democrática**. In: Gestão democrática da escola pública. São Paulo: Ática, 1997.

PEALE, Norman Vicent. **O poder de entusiasmo**, editora Cultrix, São Paulo, 1967.

PERKINS, D. **La escuela inteligente**: del adiestramiento de la memória a la educación de la mente. Barcelona: Gedisa, 1995.

PESTALOZZI, Johann, Heinrich. O teórico que incorporou o afeto à pedagogia. **Revista Nova Escola**. Abril. 2006.

PIAGET, J: **Teorias psicogenéticas em discussão** / Yves de la Taille, Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. São Paulo: Summus, 1992.

PIRES, José Augusto. **Manual de gestão escolar**. João Pessoa – PB: GOV.ESTADO/SEC-PB/PROJETO NORDESTE.1999.

POGRE, Paula. Ensinar para a compreensão. **Revista Pedagógica Pátio..** Porto Alegre: Artmed. Ano IX, n. 35, ago/Out., 2005.

POZO, Juan Inácio. A sociedade da aprendizagem e o desafio de converter informação em conhecimento. **Revista Pedagógica Pátio..** Porto Alegre: Artmed. Ano VIII. n. 31, ago / out. 2004.

QUELUZ, G. (orientação). ALONSO, M. (org.). **O Trabalho docente: Teoria e prática**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

RAPPAPORT, Clara Regina. **Psicologia do desenvolvimento** / Clara Regina Rappaport, Wagner da Rocha Fiori, 1985.

RIBEIRO, Vera. (org.). **Educação de Jovens e Adultos**. Novos leitores, novas leituras. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

SANTOS, Luis Alberto. **Por que regular**, Revista teoria e debate. São Paulo: Set / Out / Nov. 2003.

SILVA, Marcos. Reinventar a sala de aula na Cibercultura. **Revista pedagógica Pátio**. Porto Alegre: Artmed. Ano VIII, n. 31, mai / jul. 2003.

SIMÕES, Edda Augusta Quirino. **Psicologia da percepção** / Edda Quirino, Klaus Bruno Tiedemann. São Paulo: EPU, 1985.

SOARES, Leôncio, José Gomes. **Educação de Jovens e Adultos** / Leôncio José Gomes Soares. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

TULVISTE, Peter (2002). **Cultural historical development of verbal thinking: a psychological study**. Nova York: Nova science publishers inc.

VALENTE, José Armando. Educação ou aprendizagem ao longo da vida? **Revista pedagógica Pátio**. Porto Alegre: Artmed. Ano VIII, n. 31, ago/out. 2004.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (coordenadora), **repensando a didática** – 7ª ed. Campinas: Papyrus, 1992.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 1997.

VILLELA, Cláudia. Educação e cidadania. **Revista Pedagógica Pátio**. Ano IX, n. 36, Porto Alegre: Artmed. Nov.2005/ jan.2006.

<[www.pedagogobrasil.com.br/psicologia/amotivacao](http://www.pedagogobrasil.com.br/psicologia/amotivacao) . htm>. Acessado em 29/09/2006.

# APÊNDICE

**QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS****1º) Qual o seu sexo?** Masculino  Feminino**2º) Qual dessa faixa etária você se enquadra?** 18 a 25  26 a 50  > 50**3º) Qual o seu estado civil?** Solteiro  Casado  Separado/divorciado  Outros**4º) Qual a sua série?** 1º  2º  3º**5º) Quantidade de filhos?** 0  1 ou 2  3 ou 4  5 ou mais**6º) Como você percebe seu professor?** Uma pessoa comum  Uma pessoa despreparada  
 Um facilitador  Um mestre**7º) Você tem incentivo dos seus pais para estudar?** Sim  Não**8º) Você gosta de estudar?**  Sim  Não**9º) Você trabalha?**  Sim  Não**10º) Até onde você deseja ir com seus estudos?** Concluir apenas o médio  Fazer faculdade  Fazer pós-graduação**11º) Você está satisfeito com a forma de gerenciamento de sua escola?** Sim  Não**12º) Como está sendo sua aprendizagem?** regular  boa  ótima**13º) Teve, em alguma fase de sua vida, que interromper seus estudos?** Sim  Não **Porque?****14º) Por que você escolheu o turno da noite para estudar?**